



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO

Campus Recife

Coordenação de Gestão Ambiental

Tecnologia em Gestão Ambiental

SHIRLEY DE LIMA RAMOS

A HISTÓRIA DE VIDA DE TIAGO XUKURU E A ECOLOGIA DOS SABERES

RECIFE

2023

SHIRLEY DE LIMA RAMOS

A HISTÓRIA DE VIDA DE TIAGO XUKURU E A ECOLOGIA DOS SABERES

Projeto de Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Coordenação Gestão Ambiental do
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de
Pernambuco, como requisito para obtenção do título
de Tecnólogo em Gestão Ambiental

Orientador: Prof^o. Dr^o. Marcos Valença

Recife
2023

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Danielle Castro da Silva CRB4/1457

R175h
2024

Ramos, Shirley de Lima

A história de vida de Tiago Xukuru e a ecologia dos saberes. / Shirley de Lima Ramos. --- Recife: A autora, 2024.

60f. il. Color.

Trabalho de Conclusão (Curso Superior Tecnológico em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

Inclui Referências e Apêndice.

Orientador: Professor Dr. Marcos Valeça.

1. Ecologia dos saberes. 2. Xukuru. 3. Educação. 4. Bem-viver I. Título. II. Silva, Luciana Pereira da (orientadora). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 333.72

SHIRLEY DE LIMA RAMOS

A HISTÓRIA DE VIDA DE TIAGO XUKURU E A ECOLOGIA DOS SABERES

Projeto de Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Coordenação Gestão Ambiental do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Ambiental.

Recife, 28 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr^o Marcos Moraes Valença
IFPE Campus Recife

1^o Examinador: Prof.^a Me. Emely Albuquerque de Souza
IFPE Campus Recife

2^o Examinador: Me. Nilson da Rocha Cordeiro
FUNDARPE

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por toda sabedoria e por ter me guiado nesse processo da minha vida, por ter aberto essa porta e por mais que tivesse tido dias ruins, ele segurava minha mão e não me deixava sozinha nem por um segundo.

Agradeço também as duas mulheres da minha vida, minha mãe Severina e minha irmã Sheila Lima. Minha mãe não teve muitos estudos, mas sempre me proporcionou o melhor que ela poderia me oferecer, se hoje estou concluindo esse curso por ajuda dela, e ela merece total reconhecimento nessa jornada. Obrigada por sempre acreditar em mim, amo a senhora!

A minha irmã Sheila junto com o seu esposo Everaldo que abriram a sua casa quando comecei a fazer esse curso lá na Paraíba. Obrigada por toda força nesse período que estive na casa de vocês. Minha irmã sempre fez o possível para que eu realizasse os meus sonhos, mesmo nos dias mais difíceis ela nunca desistiu de mim com seus conselhos para que eu me tornasse uma pessoa melhor. Amo você! Esta conquista também é nossa!

Agradeço ao meu namorado João Pedro que chegou no 3º período do curso, sempre me incentivando com toda paciência, me dando força e sendo o suporte que eu precisava para continuar e nunca desistir. Você foi essencial nessa caminhada de conhecimento e obrigada por sempre me ouvir e me incentivar com os meus pensamentos críticos. Te amo!!

Agradeço ao meu irmão de alma, Almir Santos. Ele tornou essa caminhada muito leve, a gente se conheceu no curso e fomos construindo uma amizade muito linda! A gente se encontrou tanto nas aulas, como nas pesquisas e nos tornamos pesquisadores juntos. Obrigada por ter segurado a minha mão e por ter a sensibilidade de querer que eu cresça junto com você. A gente tem uma longa caminhada e tenho certeza de que vamos ter muito mais!

Agradeço ao meu orientador Marcos Valença, ele me abriu um leque de oportunidades, que hoje sou muito grata, com o ensino dele e a forma como ele vê o mundo fez com que eu me tornasse uma pessoa bem melhor, comecei a ter mais sensibilidade pelas pessoas e culturas que permeiam a nossa volta e muitas vezes não temos a empatia de querer lutar junto. Se hoje eu sou uma pesquisadora, ele tem total contribuição nessa fase da minha vida.

Agradeço também a minha supervisora e grande amiga do estágio, Naíza Lira. Ela me apresentou o mundo profissional e com toda a sua dedicação e amor pelo meio ambiente, a gente conseguiu realizar grandes trabalhos em nossa cidade. Obrigada por toda dedicação comigo, hoje eu sou um fruto seu.

Obrigada também a minha psicóloga Josiane. Ela foi imprescindível nesta caminhada, ajudando a me redescobrir como pessoa e sempre mostrando que sou muito capaz e de ir muito longe.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e familiares que sempre me incentivaram de alguma forma com palavras de incentivo, o que me fez se tornar mais forte e como disse meu entrevistado Thiago Torres, a vida é dura principalmente para quem é mole. Diga ao povo que avance! avançaremos!

*“A vida ela é muito dura para todos nós,
independentemente de onde estejamos [...] a vida
é muito dura, sobretudo mais dura para quem é
mole.*

*E que a força encantada te abençoe e te dê
discernimento e que continue firme na luta!”*
(THIAGO TORRES DE LIMA, 2023)

RESUMO

Este trabalho apresenta a história de vida de um indígena Xukuru, primeiro indígena secretário de Educação de Pesqueira/PE, que através da Educação mudou sua realidade. Diante dos diversos debates que autores como Ailton Krenak (2019), Boaventura de Sousa Santos (2004), Alberto Acosta (2016) trazem, no que diz respeito a necessidade de a Academia dialogar com os diversos saberes que ao longo dos anos foram inferiorizados por práticas coloniais, a partir disso surge a ideia da Ecologia de Saberes, sendo um conceito de extrema importância para a dialogicidade e valorização de culturas, povos e tradições, que devem ser trazidos à tona, pois auxilia no avanço das lutas sociais dos subalternos por reconhecimento e valorização dos seus saberes. Se discute também o conceito do Bem Viver, que tem como objetivo principal fazer com que a sociedade e a natureza vivam em harmonia, como, por exemplo, o modo como os povos tradicionais vivem, onde seus saberes estão intimamente ligados ao meio em que estão inseridos. Diante disso, esta pesquisa tenta responder e investigar o impacto que a Educação Superior trouxe para sua vida como estudante indígena e conseqüentemente para sua comunidade, ou seja, quais avanços a sua entrada e então formação trouxe para a vida de seu povo? E, por outro lado, que contribuições os seus saberes advindos da vida Xukuru contribuíram e vem contribuindo para a academia? O objetivo geral visa compreender a ecologia de saberes na história de vida de um indígena Xukuru. Metodologicamente, utiliza-se do método indutivo, que parte de uma premissa menor para uma premissa maior, com abordagem qualitativa, que parte dos indivíduos e a complexidade do ambiente que está inserido e as suas vivências, que não podem ser reduzidas a números, utilizando do tipo de pesquisa definida como descritiva e exploratória. Utilizamos como coleta de dados a história de vida, que utiliza como fonte principal o ponto de vista do sujeito a ser pesquisado, e a pesquisa bibliográfica. O universo a ser pesquisado é o povo Xukuru, localizados no agreste pernambucano, na cidade de Pesqueira e o sujeito é o indígena Thiago Torres de Lima, mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal do Pernambuco - Campus do Agreste -, como também, membro da Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco e presidente do Conselho Escolar Indígena. Onde por resultado, pode ser definido que a história de vida de Thiago Torres de Lima contribuiu para uma possível descolonização da Academia, existindo a interculturalização de saberes, e colocando em prática a concepção do Bem Viver e do conceito da Ecologia de Saberes.

Palavras-chave: Xukuru; bem viver; ecologia de saberes; educação; história de vida.

SUMMARY

This work presents the life story of an indigenous Xukuru, the first indigenous Secretary of Education of Pesqueira/PE, who through Education changed his reality. In view of the various debates that authors such as Ailton Krenak (2019), Boaventura de Sousa Santos (2004), Alberto Acosta (2016) bring, regarding the need for the Academy to dialogue with the diverse knowledge that over the years has been inferiorized by colonial practices, from this arises the idea of Ecology of Knowledge, being a concept of extreme importance for the dialogicity and appreciation of cultures, peoples and traditions, which must be brought to light, as it helps in the advancement of social struggles of subalterns for recognition and appreciation of their knowledge. The concept of Good Living is also discussed, whose main objective is to ensure that society and nature live in harmony, such as, for example, the way traditional people live, where their knowledge is closely linked to the environment in which they are located. inserted. Given this, this research attempts to respond and investigate the impact that Higher Education brought to your life as an indigenous student and consequently to your community, that is, what advances did your entry and then training bring to the lives of your people? And, on the other hand, what contributions has your knowledge from Xukuru life contributed and is contributing to academia? The general objective aims to understand the ecology of knowledge in the life story of a Xukuru indigenous person. Methodologically, the inductive method is used, which starts from a smaller premise to a larger premise, with a qualitative approach, which starts from individuals and the complexity of the environment they are inserted in and their experiences, which cannot be reduced to numbers, using the type of research defined as descriptive and exploratory. We used life history as data collection, which uses as the main source the point of view of the subject being researched, and bibliographical research. The universe to be researched is the Xukuru people, located in the countryside of Pernambuco, in the city of Pesqueira and the subject is the indigenous Thiago Torres de Lima, master in Contemporary Education from the Federal University of Pernambuco - Campus do Agreste -, as well as a member of the Commission of Indigenous Teachers of Pernambuco and president of the Indigenous School Council. As a result, it can be defined that Thiago Torres de Lima's life story contributed to a possible decolonization of the Academy, with the interculturalization of knowledge, and putting into practice the conception of Good Living and the concept of Ecology of Knowledge.

Keywords: Xukuru; live well; ecology of knowledge; education; life's history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Mapa do município de Pesqueira/PE.....	18
Figura 2 - Território Xukuru	18

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA.....	16
2.1	Caracterização da área.....	18
2.2	Caracterização do Povo Xukuru	18
2.3	Métodos utilizados	20
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
3.1	O Bem Viver	27
3.2	Ecologia de saberes	33
3.3	Quem é o Povo Xukuru	39
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O eurocentrismo vem predominando nas instituições de ensino superior durante séculos, desde o surgimento do ensino formalizado. Os povos subalternos contrários aos povos ocidentais, atiram-se numa luta pela valorização de seus saberes e seu estilo de vida. Sendo um povo que sofre desde a chegada das caravelas, por genocídios e epistemicídios gerados pelos colonizadores, estão cansados de estarem inseridos em um patamar de profunda exclusão e permanecem num constante e árduo processo de resistência.

Quinhentos anos das invasões europeias se passaram e permanece a hegemonia de padrões eurocêntricos e, por consequência, a acumulação de uma série de práticas racistas que demonstram as desigualdades sociais em relação aos povos indígenas (Santana, 2021).

Essa prática ocidental de considerar validada apenas a monocultura do saber científico eurocêntrico torna-se ultrapassada. É considerado mais uma forma de invisibilizar e tentar calar os que lutam por espaços de fala dentro da sociedade contemporânea. Acredita-se que os conhecimentos e os próprios saberes foram invisibilizados e inferiorizados pelo pensamento etnocêntrico/eurocêntrico (Mignolo 2013 *apud* Troquez e Nascimento, 2020).

Segundo Meliá (1990), os povos tradicionais carregam um rico conhecimento e esses saberes foram invisibilizados em um modo sistemático diante de suas economias, religiões, línguas e culturas próprias. Porém, com o significativo progresso da sociedade atual, esta visão limitada do mundo começa a ser questionada. Os ensinamentos tradicionais passam a ser temas de debates sobre a importância de se valorizar povos e culturas que, de acordo com Valença (2014), há mais de seis séculos, são inferiorizados.

A resistência e a luta dos povos indígenas começaram a ter relevância acadêmica nas últimas décadas e surgiram atores políticos, que foram exigindo novos olhares, pesquisas e reflexões acerca desta temática. Santana (2021) afirma que uma pequena parte da sociedade começou a abrir um possível espaço de fala para esses povos que sofreram e ainda sofrem muitas maneiras e inúmeros processos de restrições e silenciamento, mas, mesmo assim, eles continuam lutando para serem respeitados e reconhecidos pela sociedade moderna, aduz Machado e Soares (2021).

A Academia vem ao longo dos anos, abrindo debates sobre conceitos, reafirmando e mostrando toda a força que esses povos carregam para que haja, assim, uma ruptura epistemológica e cultural. Santana (2017) reconhece que essa visão de um novo olhar, só pode acontecer através do diálogo, para que assim possa partilhar de experiências que possam abrir novas formas de enxergar o mundo.

Diante disso, um conceito extremamente importante, para que se tenha um diálogo e que não pode ser esquecido ao debatermos sobre valorização de culturas diversas e subalternizadas, que se distanciam do eurocentrismo, é a ecologia de saberes. Esse conceito, criado por Boaventura de Sousa Santos, pode contribuir para o avanço da luta dos povos originários. Povos marcados por resistência, contrapondo-se a uma sociedade colonizadora-eurocêntrica-capitalista, subalternizada desses saberes.

Em uma entrevista, o sociólogo Santos define a ecologia de saberes como uma ideia que tem por objetivo promover o diálogo entres vários saberes, que são subalternizados pela sociedade eurocêntrica (Carneiro; Krefta; Folgado, 2014). Os saberes indígenas se encaixam nesta perspectiva, uma vez que esses saberes foram e são inferiorizados por terem um estilo de vida originário do sul global.

Esses povos tradicionais cuidam e respeitam o meio ambiente, como demonstra o autor indígena, Ailton Krenak (2019). Segundo esse pensador, a relação que os povos tradicionais têm com a natureza é uma relação intimamente ligada ao meio em que vivem, onde carregam uma bagagem de conhecimento enorme e que podem contribuir para a descolonização da academia.

Com isso, faz-se necessário valorizar os saberes tradicionais que estão próximos a nós e muitas vezes não temos a sensibilidade de compreender e querer lutar para que esses saberes sejam valorizados. Diante disto, o meio universitário é um lugar onde vários saberes se encontram – ou deveriam se encontrar – sejam: os populares, os culturais, científicos e os não científicos, sendo considerado um espaço de grande valia para os povos originários fortalecerem a sua luta.

Por isso, o espaço acadêmico pode ser considerado um espaço de tradução, abrindo um grande leque de oportunidades para que haja diálogo com esses povos subalternizados, marginalizados e inferiorizados pela sociedade moderna. Valença (2014) afirma que esse espaço pode possibilitar o encontro intercultural, ou seja, um encontro entre as diversas culturas existentes. Ambiente este, de extrema importância na geração de uma possível emancipação social.

A academia é um espaço privilegiado, onde a diversidade de culturas se encontra, ou podem se encontrar. A valorização das práticas culturais que se esbarram nesse meio é de grande importância para a prática da interculturalidade, que é caracterizada como uma relação de grandes diálogos, troca de conhecimentos e aprendizados entre culturas em respeito mútuo (Troquez, 2012 *apud* Troquez e Nascimento, 2021).

Essa troca, esse possível espaço gerador de diálogos é necessário para a obtenção de diversos conhecimentos que existem no meio da sociedade eurocêntrica, mas apesar dos avanços da sociedade, ainda percebemos que os resquícios da colonização perpetuam até os dias atuais, sendo necessário que o saber científico, que é muito importante para a base epistemológica da academia, caminhe junto com os saberes tradicionais. Para Boaventura de Souza Santos (*apud* Valença, 2014), “a ciência nem é um bem e nem um mal, ela é apenas ciência, é apenas uma epistemologia, é uma epistemologia que é considerada dominante, mas, que os povos tradicionais utilizam para fortalecer as suas lutas e suas causas.”

Santos (2004) defende que existe uma divisão de linhas, uma linha que inferioriza e outra que é inferiorizada, quando aborda sobre o pensamento abissal. Dessa maneira, não se pode subalternizar os saberes tradicionais, pois estes poderão contribuir para o enriquecimento da base epistemológica da sociedade moderna, em várias situações cotidianas.

Os conhecimentos dos povos indígenas e os conhecimentos científicos são importantíssimos para o desenvolvimento da academia. Essa relação entre conhecimentos tradicionais e modernos deve ocorrer sem inferiorização, mas com respeito e horizontalidade.

Esses povos trazem consigo saberes tradicionais que são imprescindíveis para a descolonização da academia. Essa aproximação dos povos indígenas com o meio acadêmico está cada vez maior, principalmente se voltarmos nossos olhares para as instituições de ensino como um todo.

Diante disso, observa-se a necessidade de abrir espaço aos saberes que essas populações carregam. Um exemplo disso, é o que acontece com IFPE Campus Pesqueira e povo Xukuru, localizados no agreste de Pernambuco. O povo Xukuru cada vez mais vem se destacando em eventos acadêmicos, tanto no IFPE como em outras instituições de ensino superior em Pernambuco. Como também, no meio político, elegendo o primeiro indígena prefeito no Estado, que não pôde assumir o mandato por questões judiciais (Ebrahim, 2022).

Percebe-se o povo Xukuru ativo tanto academicamente como politicamente. Um exemplo disso é o indígena Xukuru do Ororubá, Thiago Torres de Lima, formado em Ciências Humanas e Sociais, com especialização em Culturas e Histórias dos Povos Indígenas, pela Universidade Federal de Pernambuco – Campus do Agreste –, Mestre em Educação Contemporânea pela mesma Instituição, secretário de Educação no município de Pesqueira entre os anos de 2021 e 2023.

Dessa forma, se aprofundarmos na vida do Thiago Torres, poderemos perceber o quanto ele se destacou tanto na sua vida acadêmica quanto na sua vida profissional e ainda a sua história

de vida, como estudante indígena com ensino superior e ex-secretário de Educação de Pesqueira, poderá contribuir de certa forma para uma possível descolonização da academia.

Diante disso, o povo Xukuru foi selecionado para esse trabalho, por ser um povo que se destaca cada vez mais dentro de instituições acadêmicas. A ideia desta pesquisa é saber como uma Instituição de Educação Superior contribuiu para a vida de Thiago Torres, como estudante indígena, e para a sua comunidade, assim como a sua cultura indígena contribuiu para a academia, ou seja, saber sobre essa possível interculturalidade entre o conhecimento moderno e o conhecimento tradicional.

Thiago Torres de Lima foi escolhido para este trabalho por ser um indígena Xukuru, que se destacou e vem se destacando no meio acadêmico e político, além de integrar movimentos indígenas relacionados a valorização do ensino tradicional nas escolas do Estado de Pernambuco. Além disso, Thiago Torres coordena a escola estadual na Aldeia Cana Brava, local de sua origem familiar, nessa escola Thiago detém um papel fundamental que resgata a cultura de seu povo, pondo em prática seus rituais sagrados e sua cosmovisão. Dessa maneira, ele busca valorizar a enorme bagagem que o Povo Xukuru carrega, onde por muitos anos, uma classe dominante da cidade de Pesqueira quis invisibilizar os indígenas que ali habitam, sendo eles parte fundadora da cidade.

Diante disso, Thiago Torres, filho de mãe solo e professora, viu em casa a inspiração para seguir a profissão e assim, fez. Utilizou-se da Educação o meio de transformar sua vivência e assim, com sua história de vida, ser fonte de inspiração a outros indígenas e não indígenas. Mesmo não morando mais na aldeia, Thiago Torres de Lima nunca se afastou de suas origens e tradições, mantendo viva sua ancestralidade e cultura.

Através da história de vida do então Mestre em Educação Contemporânea, Thiago Torres de Lima, indígena Xukuru, pretendeu investigar o impacto que a Educação Superior trouxe para sua vida como estudante indígena e conseqüentemente para sua comunidade, ou seja, quais foram os avanços que a sua entrada e então formação trouxe para a vida de seu povo? E, por outro lado, que contribuições os seus saberes advindos da vida Xukuru contribuíram e vem contribuindo para a academia?

Dessa forma, ao estudar sobre a história de vida de Thiago Torres de Lima no meio acadêmico, objetivou entender a relação entre ciência moderna e saberes tradicionais. E a partir disso, compreender as relações entre cultura tradicional e ocidental. Este estudo tem por objetivo geral: compreender a ecologia de saberes na história de vida de um indígena Xukuru.

Tem como primeiro objetivo específico caracterizar o povo Xukuru da região de Pesqueira e o seu estilo de vida. Dessa forma, compreender o modo de vida dos indígenas Xukuru, seus saberes tradicionais, sua cultura e toda bagagem de conhecimento que trazem consigo. Em relação ao segundo objetivo específico, busca-se compreender a história de vida de Thiago Torres, ex-secretário de Educação no município de Pesqueira e Mestre em Educação, com o objetivo de entender a contribuição que a Instituição de Ensino Superior trouxe para sua vida como estudante indígena e de melhoria para a sua comunidade e como possivelmente os saberes do povo Xukuru contribuíram para a academia.

2 METODOLOGIA

Este trabalho teve como característica ser uma pesquisa de campo exploratória por ter como finalidade aprofundar um conhecimento que o pesquisador já tenha acerca do assunto a ser estudado, como afirmam Carnevalli e Miguel (2001).

Como introdução, seguindo o passo a passo definido por Heerdt e Leonel (2007), o sujeito a ser pesquisado é o território do povo Xukuru, localizado no agreste pernambucano, na cidade de Pesqueira/PE.

Este trabalho visa responder ao problema de pesquisa, através da história de vida de um indígena Xukuru, mestre em Educação Contemporânea e ex-secretário de Educação do município de Pesqueira, membro do COPIPE, e presidente do CEEIN.

Como forma de responder ao primeiro objetivo específico que visa caracterizar o povo Xukuru da região de Pesqueira e o seu estilo de vida, utilizamos a pesquisa documental, como também, artigos publicados em plataformas como a Scielo e o Google Acadêmico, que tratem sobre o povo Xukuru. Dessa forma, buscaremos tratar sobre a história de vida dos povos indígenas.

Em relação ao segundo objetivo, que trata sobre a história de vida do indígena Xukuru Thiago Torres, foi realizada uma entrevista não estruturada a fim de compreender como a Instituição de Ensino Superior contribuiu para sua vida como estudante indígena e como possivelmente melhorou sua comunidade e ainda saber como supostamente, os saberes do povo Xukuru contribuíram para a academia.

Esta pesquisa utiliza como abordagem dentro da metodologia científica, a definida como de natureza qualitativa, já que, segundo Minayo (1994), esta abordagem serve para um aprofundamento das ações e relações entre as pessoas, algo que não pode ser quantificado. E ainda, Severino (2017) afirma que se refere a técnicas que se aprofundam mais em fundamentos epistemológicos do que em especificidades metodológicas, já que pode ter um caráter mais objetivo sobre o que está sendo estudado.

Assim, utilizamos do método indutivo como procedimento lógico, já que baseado no processo de generalização pelo qual saí de um caso particular, o pesquisador conclui algo universal, como define Severino (2017). Assim, deve utilizar de uma experimentação ampla para que a generalização seja considerada verdadeira, corroborando com a premissa particular, aduz Heerdt e Leonel (2007).

Essa pesquisa tem como objetivo ser descritiva e exploratória. Descritiva por descrever a realidade, como ocorre essa conexão entre diferentes conhecimentos e como se dá essa

interculturalidade dentro da Academia e exploratória por objetivar o levantamento das informações sobre um determinado objeto de estudo, delimitando e mapeando o campo de trabalho, com diz Severino (2017).

Santos e Santos (2008) definem que a história de vida serve para a obtenção de informações na essência subjetiva da pessoa, sendo o meio para que se saiba sobre as experiências de maneira profunda contada pela própria pessoa com riquezas de detalhes. Assim, o sujeito tem a liberdade para que fale sobre suas experiências de maneira livre, acerca do que é perguntado.

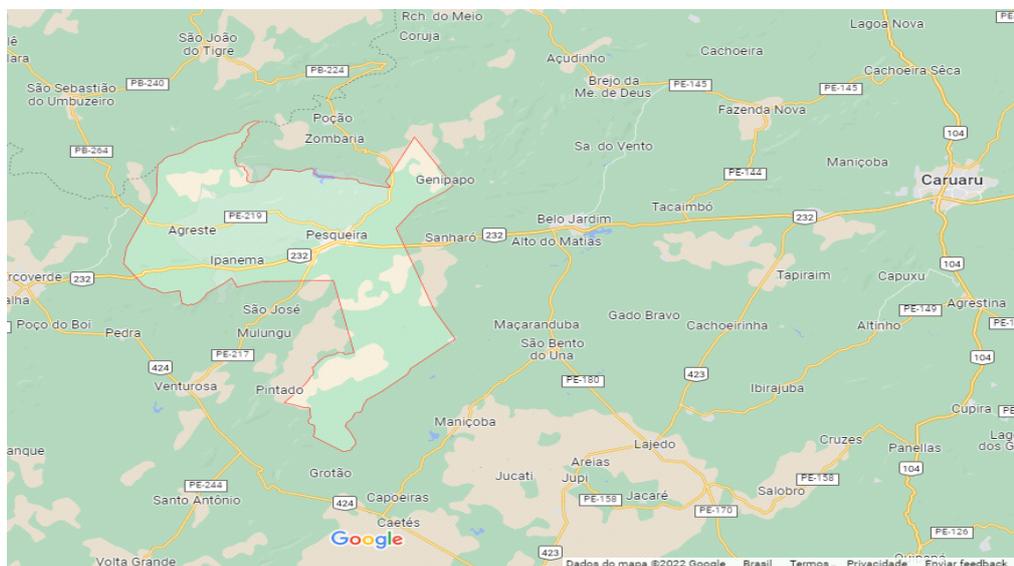
Assim Colomby *et al* (2016) afirmam que é através da história de vida de determinados sujeitos que se busca entender a visão dele sobre determinado assunto ou experiências vivenciadas. Colomby *et al* (2016) aduzem que pela história de vida que se pode compreender de uma melhor maneira o contexto social que o sujeito está inserido, assim “compreender como as questões universais aparecem nas práticas individuais, e vice-versa” (Calomby *et al*, 2016, p. 1).

Com isso, é possível ter o pesquisador como um intérprete, que junto ao seu conhecimento e ao que é exposto pelo sujeito a ser estudado, somam-se as suas experiências, tendo uma interpretação sobre o assunto debatido que é bastante valiosa para o meio acadêmico, afirmam Calomby *et al* (2016).

Nogueira *et al* (2017) destacam que nesse método, a relação entre o pesquisador e o sujeito que fala sua história de vida é importante, diante da necessidade de haver um vínculo de confiança entre as partes. Assim, toda entrevista deve ser gravada e depois transcrita para que se possa responder aos questionamentos da pesquisa. Assim Nogueira *et al* (2017) discorrem sobre a importâncias da história de vida, pois esta pode ser um meio que se transforme o contexto daquele que conta sua história, podendo mudar toda sua realidade.

2.1 Caracterização da área

Figura 1: Mapa do município de Pesqueira/PE

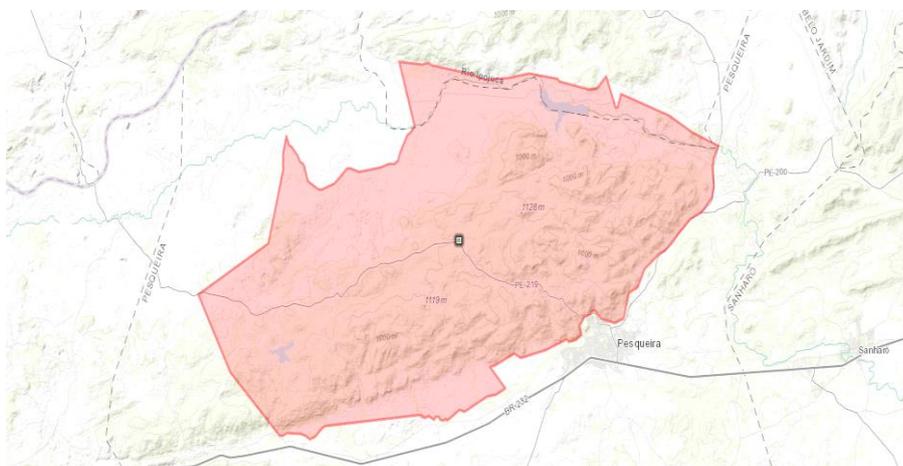


Google Maps, 2023

A cidade de Pesqueira, localizada no Agreste de Pernambuco, a 215 km da Capital do Estado, possui uma população estimada de 68.067 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com uma área de unidade territorial de 980.876 km², é a 31^a maior cidade do Estado. Sendo uma cidade de referência no que diz respeito à luta indígena em Pernambuco, onde os indígenas Xukuru lutaram contra os latifúndios da cidade que invadiram suas terras e exploram os trabalhadores da região. Tem como bioma predominante, a caatinga, sendo um município que integra o semiárido brasileiro.

2.2 Caracterização do Povo Xukuru

Figura 2: Território Xukuru



Terras Indígenas, 2023

O povo Xukuru fica localizado em um conjunto de montanhas, que na região é conhecida como Serra do Ororubá, no estado de Pernambuco. Os primeiros registros sobre essa comunidade aconteceram no Século XVI e desde esse período eles já sofriam com a ocupação e transformação nos diversos processos de expropriação de suas terras, dizem as autoras Neves e Fialho (2021).

Diante disto, vários documentos relativos ao período colonial atestam essa invasão por parte dos portugueses e registram que a antiga Vila de Cimbres, hoje uma aldeia Xukuru, sendo “palco de conflitos entre os indígenas e os colonizadores. Muitas aldeias foram extintas e as terras logo registradas em nome de fazendeiros, dizem as autoras” (Neves; Fialho, 2021, p.1).

Houve uma divisão interna do Povo Xukuru, devido a disputa de terra e poder. Ocorrida em 2004, dividiu-se em povo Xukuru de Ororubá e Xukuru de Cimbres (Beserra; Souza, Beserra, 2021). Segundo Barbosa, Cabral e Alexandre (2016), após a morte de um indígena da região, o povo Xukuru do Ororubá expulsou da aldeia os que integravam a aldeia de Cimbres. Estes passaram a morar em áreas periféricas da cidade de Pesqueira, havendo uma profunda ruptura para os indígenas de Cimbres (Barbosa, Cabral; Alexandre, 2016).

Os indígenas de Cimbres ficam próximos do Rio Ipanema, com 5,20 km do Rio pertencente a esse povo. Nessa área existe uma reserva da caatinga conservada, e segundo a cultura do povo Xukuru de Cimbres, essa região é protegida pelos encantados, entidades e espíritos dos antepassados, proporcionalmente à prática do Bem Viver com o objetivo sempre de cuidar e preservar o meio ambiente. Diante disso, com essa prática os indígenas Xukuru serão capazes de recuperar uma das nascentes do rio (Beserra; Souza; Beserra, 2021).

Já os Ororubás ficam localizados na serra do Ororubá e em alguns bairros da cidade de Pesqueira. Durante muito tempo esses indígenas habitavam em bairros chamados por “Xucurus” e “caixa d’água”, esses bairros ficam próximos da serra do Ororubá e da cidade. Nos dias de hoje, eles encontram-se espalhados por vários bairros de Pesqueira (Neves; Fialho, 2021).

Esses indígenas Xukuru, tanto o povo Xukuru de Cimbres como o povo Xukuru do Ororubá tem contato íntimo com a natureza, e para eles a natureza é preciosa. Eles vêm lutando também em busca de reconhecimento e da valorização de sua cultura.

A crença e cuidado que eles têm com a natureza sagrada é uma característica particular desse povo. “É nos terreiros distribuídos nesse território que os rituais religiosos são realizados e constituem o espaço de contato com os caboclos e encantados. O toré se destaca nesse

contexto como a principal manifestação do sistema cosmológico Xukuru" (Neves; Fialho, 2021, p.1).

Essa comunidade tem um estilo de vida muito diferente do padrão imposto pela sociedade moderna, estilo esse que começa a ser praticado desde o nascimento do indígena até a sua morte, eles já crescem sabendo que tem um grande desafio pela frente que é mostrar para a sociedade contemporânea toda a sua cultura e sua resistência ao longo dos anos.

Essa forma de viver a vida que o povo Xukuru pratica é o “Bem Viver” conceito definido pelo autor Acosta (2016) onde diz que há a possibilidade da sociedade atual possuir um novo estilo de vida na relação do homem com natureza. Onde o autor apresenta o “Bem Viver” como uma oportunidade de construir coletivamente novas formas de vida, ou seja, podendo ser considerado um novo estilo de vida, onde possui uma cosmovisão diferente da ocidental, define o autor. Com isso, o Bem Viver, além de ser uma proposta contra-hegemônica ao desenvolvimento, ainda reivindica o passado dos povos indígenas.

Esse estilo de vida que os povos tradicionais carregam está intimamente ligado ao meio ambiente em que habitam, respeitando a *pachamama* - mãe terra - e tudo aquilo que traz vida. O autor e indígena Ailton Krenak (2019) conta dessa relação que os indígenas têm com a natureza, sendo caracterizada como uma relação intimamente ligada ao meio em que vivem, onde carregam uma enorme bagagem de conhecimento e saberes tradicionais que podem contribuir para uma possível descolonização da academia.

2.3 Métodos utilizados

Como forma de coleta de dados, utilizaremos a história de vida, que segundo a definição dos autores Silva e Barros (2010) é:

"[...] Um dos métodos que compõem o campo mais amplo da pesquisa qualitativa e mais especificamente da história oral, constitui-se como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas, sendo utilizado atualmente por diversos sociólogos, antropólogos, historiadores, [...]" (Silva, V. P.; Barros, 2010, p. 69).

Abreu (2017) ressalta que a história de vida foca no relato de um acontecimento ou a própria história do indivíduo, de modo que, não é necessário verificar a autenticidade absoluta dos fatos, pois o fato principal dessa coleta de dados é o ponto de vista do sujeito, que no caso é um ex-aluno Xukuru da Universidade Federal de Pernambuco Campus do Agreste e assim, compreender como a Instituição de Ensino contribuiu para a sua vida em comunidade e como o seu estilo de vida e saber vivenciado por um estudante indígena pôde contribuir para a base epistemológica da Academia.

É uma forma de coleta de dados que o pesquisador escuta, através de entrevistas não diretivas, a história do sujeito que se pesquisa. Nogueira *et al* (2017) destacam que há um vínculo de confiança entre as pessoas, algo que é construído ao longo do processo de pesquisa.

O material é transcrito e debatido entre o sujeito participante e o pesquisador, que a partir disso, deve buscar uma análise analítica do que foi dito. Dessa forma, encontrará no material coletado as respostas das pesquisas, e como diz Chauí (1987 apud Nogueira *et al* 2017) é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão.

Maccali *et al* (2014) afirma que a história de vida como método de pesquisa possibilita que o pesquisador tenha contato com diferentes memórias, que foram a partir destas que se constituiu o indivíduo pesquisado, tanto pessoalmente como profissionalmente. Assim possibilita “um diálogo interior com seu próprio eu, tomando consciência sobre sua existência e compreendendo, assim, sua trajetória de vida”. (Maccali *et al*, 2014, p. 442)

É uma metodologia que permite que se compreenda de forma mais abrangente e subjetiva as ações tomadas por quem está sendo estudado. É uma maneira que, através dos fatos vivenciados, se entende suas experiências, como foi transmitido, revela a identificação do narrador com seu contexto social, diz Maccali *et al* (2014).

A pesquisa qualitativa, em uma de suas vertentes, é voltada para o indivíduo e seu ambiente em suas complexidades, fatos estes que só podem ser alcançados através da descrição das experiências, como foram vivenciadas e como os próprios autores o definem. Dessa maneira, a história de vida é importante por ser uma forma de investigação que privilegia as informações que o entrevistado pode dar, buscando uma aproximação de confiança entre o entrevistador e o entrevistado. É uma fonte direta de dados do pesquisado, sendo o principal instrumento de estudo, define Spindola e Santos (2003).

O sujeito que integra esta pesquisa é o indígena Thiago Torres de Lima, mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco Campus do Agreste. Thiago Torres foi secretário de Educação de Pesqueira, por dois anos, de 2021 a 2023, é Presidente do Conselho de Educação Escolar Indígena do Estado de Pernambuco e é professor integrante da Comissão de Professoras/es Indígenas em Pernambuco.

O conceito de ecologia dos saberes vai ser uma importante ferramenta para a promoção do debate entre as distintas culturas presentes no meio acadêmico, abrindo espaço para a diversidade epistêmica existente. De acordo com Santos (2004), existe uma diversidade enorme de conhecimento no mundo, que todo saber, científico ou não, é importante para o processo de descolonização da universidade. De acordo com o autor, compreender esse conceito é entender

que estamos em um mundo de pluralidades e diversidades epistemológicas, sendo que cada uma tem a sua importância para com a sociedade moderna.

Utilizaremos a pesquisa bibliográfica, que, segundo Severino (2017), parte da utilização de dados e teorias já existentes no meio acadêmico, definidos através de artigos e teses, que serão retirados dos periódicos da CAPES, Google Acadêmico, entre outros. Como também, a entrevista não estruturada, onde se colhe informações do sujeito através do seu discurso livre, onde o entrevistador deve estar atento às informações, coletando as que achar necessário e intervindo para estimular o/a entrevistado/a para que discorra mais sobre o assunto de seu interesse, se dá preferência a um diálogo mais descontraído, aduz Severino (2017).

Diante do exposto, para a obtenção dos dados e informações da entrevista com o indígena Thiago Xukuru, busca-se compreender através da análise de conteúdo, as informações que responderão contribuir para a finalização deste trabalho.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diversos autores, como Ailton Krenak (2019), Boaventura de Sousa Santos, Alberto Acosta (2016), entre outros, defendem em suas pesquisas a necessidade da dialogicidade entre as distintas culturas e povos. Para isso, tornam-se necessários conceitos, métodos, metodologias, ferramentas e qualquer outra forma de defender e fazer com que os diversos povos, com suas culturas, seus valores e saberes percebam a necessidade da interação e inter-relação cultural.

Decorrente dessa necessidade de haver diálogo intercultural, não se pode deixar de lado um conceito extremamente importante para o avanço das lutas dos subalternos por reconhecimento e valorização do seu estilo de vida. Esse conceito, podendo ainda ser considerado ferramenta, metodologia e diversas outras categorias, é a Ecologia de Saberes, um conceito vivo e necessário.

O termo “ecologia de saberes” foi criado pelo sociólogo, Boaventura de Sousa Santos (2004). Segundo o pensador, existe uma diversidade de conhecimento muito grande no mundo, e que todos os saberes – sejam científicos ou não, possuem importância para a descolonização da academia. Segundo Arnt e Scherre (2021), a Universidade atual deve reconhecer a existência de conhecimentos plurais, que necessitam dialogar. Assim, cria uma academia que produz um saber leigo, popular, tradicional e campesino, originados de outras culturas, que permeiam a sociedade.

Machado e Soares (2021) defendem que é necessário propor um ensino em que os sujeitos subalternizados sejam protagonistas de sua própria história, e que sejam incluídos não apenas em alguns documentários que acobertam todos esses preconceitos, onde são invisibilizados por parte da sociedade atual, mas um ensino que seja necessariamente inclusivo e com práticas pedagógicas que se sustentam na Educação libertadora freiriana (Freire, 2005).

Segundo as autoras Torres e Carril (2021), em sua linha de pensamento, abordam sobre a Educação libertadora defendida por Paulo Freire, onde se consiste em uma relação horizontal, através de diálogo entre diversos saberes que são importantes para a sociedade, consistindo em fazer entender a realidade do outro e nela ensinar e ainda, desenvolvendo um senso crítico que o faça questionar os padrões estabelecidos pela sociedade moderna. Essa concepção de Educação aborda a libertação dos que são oprimidos em uma determinada busca por valorização.

Os povos originários contrapõem-se aos padrões estabelecidos na sociedade atual. Eles vêm lutando em busca de um espaço na sociedade e a academia pode ser a porta aberta para que eles consigam fortalecer ainda mais a sua voz. Valença (2014 *apud* Santos, 2004) afirma que esses saberes tradicionais trarão um enorme ganho para o mundo acadêmico.

As causas dos povos tradicionais, quando tratadas dentro do meio acadêmico, despertam a curiosidade sobre sua resistência e a história que carregam. Diante disso, conhecer a ancestralidade, os saberes e as lutas desses povos tradicionais se tornam muito importante não somente para comprimento da legislação, mas também como um meio de função social dentro da academia, apresenta Santana (2017).

Decorrente desse pressuposto, se torna necessária a formação de profissionais que estejam dispostos a lutar pelas causas dos povos marginalizados, e que estejam atentos à diversidade cultural e seus contextos sociais. Esses diálogos que são propostos dentro das comunidades poderão abrir caminhos para uma Universidade de todos, diz Santana (2017). Logo, se cria uma academia que vai ser esse espaço de tradução para os povos originários, enriquecendo sua base epistemológica.

Segundo Chates (2017) esse contato com algumas comunidades tradicionais poderia facilitar o aperfeiçoamento de conhecimentos sobre os povos originários, e assim, fazer do meio acadêmico um lugar ainda mais rico com uma diversidade cultural que ali perpetua. “A ideia é povoar o mundo não-indígena com o olhar, os sons e imaginários da mata, acreditando que olhar para o mundo do outro é uma forma de olhar para o nosso mundo, por meio de uma abertura ao pensamento ameríndio” (Santana, 2017, p.122).

Quando falamos de conhecimento indígena tradicional, não só nos referimos aos distintos saberes e sabedorias acumuladas através dos séculos de existência e civilização, como também às formas distintas de ver o mundo, isto é, a visão holística pela qual a existência humana é descoberta pelas comunidades indígenas (Acosta 2010 *apud* Cavallo, 2018).

Uma manifestação relevante desses conhecimentos indígenas tradicionais, no âmbito da efetividade na utilização dos recursos naturais e das diretrizes sobre o desenvolvimento, é constituída pela noção de bem viver, define Cavallo (2018). O conceito do bem viver vai se aprofundar na ideia de um desenvolvimento integral, motivada pelas tradições indígenas que sugere modificações de paradigmas ante a concepção capitalista de desenvolvimento, aduz Cavallo (2018).

Acosta (2016), em sua linha de pensamento, afirma que ao se tratar do conceito do “bem viver”, onde este seria uma oportunidade de construir coletivamente novas formas de vida,

resgatando a essência antiga para uma sociedade acelerada como a atual, assim, pode mesclar essas duas formas de viver o mundo, buscando, assim, um convívio em harmonia entre todos os seres humanos, resgatando algo fundamental: a vida em comunidade.

Esse estilo de vida onde os povos tradicionais acabam tendo um contato intimamente ligado com a natureza de maneira harmoniosa, se torna um conhecimento que lhes tem permitido levar adiante um uso sustentável de seus recursos (Cavallo, 2018).

O reconhecimento de suas tradições culturais, seus usos, costumes, sua visão de mundo, seu conhecimento indígena tradicional é muito importante para sua sobrevivência e para seu próprio desenvolvimento sustentável. Assim, os saberes tradicionais e todo esse conhecimento indígena que eles constituem em seu patrimônio é muito valioso, podendo nos proporcionar uma via alternativa à visão hegemônica imposta de um estilo de desenvolvimento e modos de vida contemporâneos centrados na crescente acumulação de bens de consumo e crescimento econômico devastador, unicamente fundado na investigação e extração incessante dos recursos.

Toda a resistência, luta e conhecimento que esses povos vêm construindo ao longo dos anos é marcante para eles e para a sociedade como um todo. Boaventura de Sousa Santos, em uma entrevista, define a ecologia dos saberes como sendo um conceito que visa a promoção do diálogo entre os vários saberes, que podem ser úteis para o avanço de lutas sociais. Carneiro, Krefta e Folgado (2014) afirmam, assim, que cada saber tem sua particularidade e sua importância para a sociedade moderna.

A importância desse diálogo dentro das academias é fundamental, pois vai abrir um espaço para todo tipo de conhecimento, quais sejam: os saberes científicos e humanísticos, e dentre eles, os saberes populares e culturais.

Porém, para Arnt e Scherre (2021) para que as academias possam abrir espaço para todo tipo de saber, é necessário praticar o pensamento ecologizado, ou seja:

“[...] aquele capaz de religar as diferentes dimensões da vida, as diversas dimensões humanas, bem como os diversos saberes. Valoriza tanto o conhecimento científico como a sabedoria humana e reconhece que tudo, de uma maneira ou de outra, está interconectado.” (Arnt; Scherre, 2021, p.72)

De acordo com Velasco (2020), o pensamento ecologizado é capaz de nos aproximar dos mais diferentes conhecimentos, fatos, acontecimentos e processos.

Segundo Arnt e Scherre (2021) “esse pensamento ajuda a situar todo pensamento, acontecimento, informação e conhecimento em relação à inseparabilidade com o contexto social, econômico, político e cultural. Nos ensinando que sem um contexto nada faz sentido” (Arnt; Scherre, 2021, p.73)

Diante disso, o meio universitário poderá promover o diálogo e abrir espaço de fala para esses povos subalternizados e conseguirá praticar o processo de descolonização da academia. Chates (2017) em sua linha de pensamento afirma que a defesa da descolonização vai surgir como um caminho de contraposição e resistência ao processo de colonização.

Ainda em sua fala, Chates (2017) afirma que o processo de descolonização da academia deve ser utilizado com o objetivo de fortalecer a autodeterminação dos povos originários. Dessa maneira, esse conceito vai poder servir para aprofundar concepções, pesquisas, questionamentos e métodos utilizados em âmbito do campo científico onde vem acontecendo desdobramentos direto na vida dos povos tradicionais

Todo esse processo de descolonização da academia vai mirar na diversidade e complexidade dos conhecimentos dos povos indígenas, mostrando sua força e toda a sua resistência para uma sociedade centrada e firmada na base do conhecimento eurocêntrico.

Diante disso, Santana (2017) afirma que a Universidade não consegue fazer sozinha as reflexões sobre esse processo de descolonização. Para tal, o debate epistemológico sobre o diálogo intercultural se torna mais que necessário, e pode acontecer tanto de forma interna quanto de forma externa ao ambiente acadêmico. Com isso, as experiências e vivências dos povos tradicionais poderão contribuir para este processo.

Uma dessas experiências seria a do indígena do povo Xukuru de Ororubá, Mestre em Educação Contemporânea, Thiago Torres de Lima, ex-secretário de Educação do município de Pesqueira.

Thiago Torres de Lima é formado em Ciências Humanas e Sociais pela UFPE, com Mestrado em Educação Contemporânea e ainda possui especialização em Culturas e História dos Povos Indígenas. É professor há mais de 10 anos, onde integra Conselhos sobre Educação Indígena no Estado de Pernambuco, onde milita em defesa dos saberes tradicionais.

Atualmente é coordenador na Escola Indígena localizada no território sagrado na Aldeia Cana Brava. Percebe-se como o indígena Thiago Torres é bastante atuante nas questões que dizem respeito ao ensino dos saberes tradicionais e à Educação indígena de modo que atua na integração dos saber indígena e o saber colonial. Para que assim, ambos possam caminhar juntos.

A cidade de Pesqueira, possui um Campus do IFPE em seu município, onde muitos indígenas Xukuru integram seu corpo de discentes. O Instituto possui em torno de 12,70% de alunos autodeclarados indígena, o que dá em torno de 216 alunos indígenas, segundo a

Plataforma Nilo Peçanha (2023). O que reverbera em atividades em conjunto, de modo que os saberes e tradições possam ser integrados.

Observa-se essa integração, por exemplo, na Assembleia Xukuru, que ocorre anualmente, no mês de maio. O IFPE Pesqueira esteve presente, na Assembleia de 2019, com professores e educandos(as), que foram destaques no evento, o que demonstra a ligação existente entre o Instituto localizado em Pesqueira e os Xukuru de Ororubá e o povo Xukuru de Cimbres. Além disso, no evento promovido pela Pró-Reitoria de Extensão do IFPE, denominado de “ABRIL INDÍGENA 2020”, percebeu-se a presença do povo Xukuru em praticamente todas as mesas, como Educação, cultura, gênero e microempreendedorismo.

O povo Xukuru do Ororubá e o povo Xukuru de Cimbres, vem ganhando espaço em eventos promovidos pela Instituição de ensino. Esse ambiente acadêmico é muito importante para fortalecer a voz desses indígenas, abrindo um leque de oportunidades ao diálogo. Valença (2014) afirma que esse espaço acadêmico é extremamente significativo para gerar uma possível emancipação social.

O diálogo com os conhecimentos indígenas, sobre sua cultura e sua visão de viver o mundo dentro do meio acadêmico são de suma importância, e para Santos (2006 *apud* Santana 2017) a construção desse diálogo exige da sociedade um contexto de debates pós-coloniais, onde poderá acontecer o processo de desconstrução, que poderá permitir revelar as realidades que são ocultas pela força de qualquer proposta harmônica, acontecendo, assim, uma ruptura epistemológica e cultural.

Com isso, a ideia é, por meio de debates, de experiências de vidas, de práticas de alteridade, abrir vereda para diversas formas de enxergar o mundo. Fazendo do meio acadêmico um encontro intercultural, onde diversas culturas ali se encontram e têm espaço de fala, aduz Santana (2017).

Dessa forma, através do conceito da ecologia do saber e a abordagem do tema sobre a descolonização da academia e história de vida do indígena Xukuru, Thiago Torres de Lima pôde contribuir para fortalecer ainda mais a voz dos povos tradicionais que estão inseridos no meio acadêmico e, através das experiências que eles têm com sua cultura, trazer uma nova visão de mundo, e fazer da sociedade um lugar de inclusão e de valorização, onde a academia poderá ser a porta de entrada para essa nova perspectiva de vida.

3.1 O Bem Viver

O Bem Viver é um conceito que nasce dos povos originários andinos, que é explanado pelo economista e político equatoriano Alberto Acosta. Ele trata sobre um tema que possibilita

a sociedade atual ter um novo estilo de vida na relação das pessoas com a natureza. O autor apresenta o “Bem Viver” como uma oportunidade de construir coletivamente novas formas de vida, ou seja, podendo ser considerado um novo estilo de vida, onde possui cosmovisões diferentes da ocidental, segundo Acosta (2016).

O Bem Viver é um conceito nascido no calor das lutas dos povos tradicionais, é uma proposta contra-hegemônica ao desenvolvimento, e que, ainda reivindica o passado dos povos indígenas, resgatando essa essência para se fazer presente atualmente. Esses povos tradicionais vivem em harmonia com a natureza, onde evidencia que os valores, experiências e práticas tradicionais podem enfrentar a modernidade colonial imposta como o “padrão a ser seguido” (Acosta, 2016).

O autor destaca que o Bem Viver visa construir uma sociedade sem preconceitos, que vislumbre e abra as portas às diversas formas de enxergar o mundo. Ele afirma que a ideia de desenvolvimento, que é imposta na sociedade atualmente, é baseada em ideias coloniais, que corrobora com práticas excludentes. E que a prática do Bem Viver é uma ideia que vai de encontro a esse padrão de vida imposto, assim vai contra essas práticas de dominação, questionando o que é esse “bem-estar” que este acelerado desenvolvimento prega.

Diante disso, o economista destaca, também, que o Bem Viver é um ordenamento social que se baseia nos Direitos Humanos e no Direito da Natureza, havendo uma harmonia entre todos, existindo a reciprocidade e solidariedade. Prática esta que na sociedade capitalista atual é inviável.

As práticas do Bem Viver são opostas à visão de crescimento social, que muitas vezes se baseia na ideia de que os recursos naturais são inesgotáveis e que o mercado absorve tudo que for posto. Por isso, o Bem Viver é contra a ideia de bem-estar vigente, pois pelas práticas capitalistas não se alcançou esse padrão que foi imposto, já que afetou a segurança, liberdade e identidade de todos (Acosta, 2016).

Sampaio *et al.* (2017) destacam que o Bem Viver é mais do que uma um padrão de saúde, socioeducacional ou outras coisas, é um “estado particular de felicidade, no qual vigoram padrões culturais distintos” (Sampaio *et al.*, 2017, p.1), que diferente do que é imposto pelo capitalismo, as ideias de todos importam dentro da comunidade.

Dessa forma, com a prática do Bem Viver, a sociedade vai superando as desigualdades e buscando a efetiva descolonização, tanto da sociedade como da Academia. O autor ressalta que, até o racismo é tão enraizado dentro da sociedade atual que pode ser superado através das práticas do Bem Viver. Sendo este um projeto libertador, contra dogmas e práticas

preconceituosas, que liberta as sociedades que o executam, sendo a resistência contra a colonização e apagamento de saberes tradicionais (Acosta, 2016).

Acosta (2016) alerta, também, sobre o pensamento capitalista atual ser considerado excludente e como isso reflete na ciência, já que ela diz abrir inúmeras possibilidades, mas que acaba por restringir os horizontes, excluindo outras visões de mundo. Dessa forma, não se deve negar os avanços tecnológicos, mas questionar se eles são iguais a todos, se todos têm acesso a isso de maneira igual. Assim, deve-se buscar uma sociedade que o Bem Viver possa ser implementado junto ao estilo já vigente de sociedade, para que esta, aos poucos, possa ser superada por meio que integralize a todos.

Os povos tradicionais têm um estilo de vida diferente da sociedade atual. Krenak (2019) fala em sua linha de pensamento sobre a relação que os povos tradicionais têm com a natureza, uma relação intimamente ligada ao meio ambiente em que vivem onde eles possuem culturas diferenciadas, vivendo um modo de vida diferente da sociedade eurocêntrica.

Logo, seguindo a linha de Krenak (2019), esses povos vêm resistindo desde os tempos coloniais, lutando ao longo dos anos por um espaço na sociedade para serem valorizados. Eles carregam uma bagagem de conhecimento enorme, que pode contribuir para descolonização da academia e para a ciência moderna, esses povos têm dificuldade de viver nesse acelerado desenvolvimento eurocêntrico, porque não existe uma relação equilibrada entre sociedade e a natureza.

Ainda, segundo o autor, ele fala sobre os povos Krenak. A palavra Krenak significa “cabeça da terra”. Esses povos personificam a natureza considerando pertencer a sua família, onde começa a tratar o rio como irmã, montanha como avó, por exemplo. Assim, para o autor, há valorização entre o ser humano e a natureza, criando um ambiente de harmonia entre todos, despertando um sentimento de prazer e paz.

Esse pensamento que é abordado pelo autor foi suprimido desde a colonização e vem reiteradamente sofrendo com preconceitos na sociedade atual. No período colonial, segundo o autor Krenak (2019), os europeus carregavam uma ideia de que eles eram a luz e assim deviam levar o conhecimento ao mundo escuro, havendo, assim, duas humanidades, a esclarecida, que eram eles e a obscurecida.

Logo, os europeus deviam ser essa luz para clarear essa humanidade. Por isso, Krenak (2019) critica esse pensamento e ressalta a importância da valorização do saber indígena e do modo como os povos tradicionais enxergam o mundo e tem o maior prazer em cuidá-lo.

Dessa maneira, a visão que é imposta pelo indígena Krenak e pelo economista Acosta, destacam como o cenário do mundo dos povos tradicionais foi ao longo da história sendo marginalizado, principalmente a ideia da convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza com a prática do Bem Viver.

É dito que o Bem Viver tem uma natureza polissêmica, suscetível de diferentes concepções, como, por exemplo, viver melhor, bem-estar, qualidade de vida e desenvolvimento humano (Lacerda; Feitosa 2015 *apud* Alcântara; Sampaio, 2017).

Dessa maneira, a melhor forma de compreensão está relacionada no conhecimento de suas raízes ancestrais, considerando suas origens e as definições atribuídas por povos indígenas na construção do seu conceito (Alcântara; Sampaio, 2017).

Diante disso, as possibilidades reais praticadas pelos povos tradicionais é a forma de viver em comunidade, parte essencial do “Bem Viver”, passam primeiro pela possibilidade de construir essa comunidade, uma comunidade coletiva, onde um membro sempre vai se preocupar com o outro, se um indivíduo estiver bem, toda a comunidade também estará.

Os povos Originários não consideram o Bem Viver como sendo associado à acumulação de bens materiais, ao desenvolvimento desenfreado, mas sim, na convivência humana, sem desigualdade ou até mesmo sem discriminação. Diante disso, para os povos indígenas, a vida vai muito além de viver em função da economia, mas de fatores que se ligam à essência da própria vida, como a harmonia com a natureza, consigo mesmo e com os outros (Alcântara; Sampaio, 2017).

Diante disso, o Bem Viver se dá na preservação dos saberes tradicionais e da cultura, onde percebemos a importância da valorização desses conhecimentos que são passados de geração em geração na manutenção das danças, rituais e na convivência em comunidade.

Ao tratar mais a fundo sobre o conceito do Bem Viver, o livro intitulado “Carta para o Bem-Viver” (Costa; Xukuru-Kariri, 2020) que é uma coletânea de artigos escritos por indígenas e não indígenas. Diversos autores falam nesse intitulado “O Bem Viver dos Indígenas” sobre as diferentes formas de nascer, morrer e a forma que o Bem Viver é praticado pelos povos originários no Brasil.

Essas conversas são direcionadas para seus entes queridos e fazem uma reflexão de como esse povo está lidando com o tempo presente, com as dificuldades que aparecem, sua forma de viver em comunidade, sua luta e resistência ao longo dos anos. Diante disso, se faz necessário olhar com um cuidado e sensibilidade para esses povos que vêm sofrendo ao longo dos anos.

Márcia Kambeba escreveu uma dessas cartas à sua avó Assunta (Costa; Xukuru-Kariri, 2020). Kambeba é uma indígena pertencente à Omágua/Kambeba no Amazonas e Alto Solimões, ela é mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, escritora, poeta, compositora, fotógrafa, ativista. Nesta carta, através da forma que ela descreve, faz uma referência a alguns conceitos que estão relacionados com a discussão sobre o Bem Viver.

Ao ler a carta, percebe-se que, mesmo sem mencionar, ela consegue transcrever a tristeza da marginalização que os povos tradicionais vêm sofrendo, o esquecimento dos conhecimentos tradicionais, até pelos próprios indígenas que fazem parte da comunidade. Destaca-se que ela aborda sobre o colonialismo que vem se perpetuando, o crescimento econômico, o capitalismo, o epistemicídio, além de contar sobre o fortalecimento da cultura do branco e o enfraquecimento da cultura dos povos tradicionais (Costa; Xukuru-Kariri, 2020).

Márcia Kambeba (Costa; Xukuru-Kariri, 2020) expõe que uma parte da sociedade eurocêntrica começa a repensar sobre a importância de preservar o meio ambiente. Chama a atenção que os indígenas começam a refletir no âmbito escolar sobre a importância de colocar em prática a vasta noção do Bem Viver baseado na visão dos povos tradicionais, sobre o cuidado de partilhar e sentir a mãe natureza.

A autora ainda afirma que o acelerado desenvolvimento econômico trouxe as comunidades para mais perto da cidade e que o barulho faz com que, hoje, não se consiga ouvir o assovio da matinta nas aldeias à meia-noite. A Matinta, de acordo com algumas versões, é uma velha que durante a noite se transforma em coruja, representando a alma de algum antepassado (Costa; Xukuru-Kariri, 2020).

As mudanças que vêm acontecendo na sociedade têm sido violentas, e os que mais sentem os efeitos dessas modificações são os povos tradicionais. Nota-se em sua fala a força da resistência, que não apagou o vigor de resistir a toda forma de dizimação que tenta apagar a identidade desse povo, tentando tirar o direito de pertencimento, e tentando silenciar suas vozes.

Diante disso, Márcia Kambeba (Costa; Xukuru-Kariri, 2020) tem preocupações pelas próximas gerações, onde teme pelo homem, que é dono de uma ampla inteligência, mas não consegue entender que está se autodestruindo. É necessário colocar em prática o Bem Viver e não o viver bem, pensando sempre no outro e na natureza (Acosta, 2016).

Destaca-se que é importante aprender com os povos indígenas a viver a solidariedade e o Bem viver, para que as próximas gerações possam desfrutar de um meio ambiente saudável e que o egocentrismo que permeia na sociedade possa ter um freio diante de toda beleza que o ecossistema carrega.

Ao atentar sobre esse ponto das futuras gerações, Acosta (2016) diz que o Bem Viver é uma tarefa de reconstrução, que visa acabar com essa ideia produtivista e desenvolvimentista, sendo uma forma de construir de maneira coletiva uma maneira de vida que integre diferentes culturas e respeito ao meio ambiente.

Para darmos continuidade às reflexões sobre o Bem Viver, apresentamos uma grande referência intelectual dos povos originários, Ailton Krenak, é ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, um dos mais destacados líderes indígenas do Brasil, recebeu, em 2020, o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, oferecido pela União Brasileira de Escritores, como no ano de 2023, se tornou membro da Academia Brasileira de Letras, se tornando o primeiro indígena da história a ser imortalizado pela ABL.

Krenak faz uma reflexão nesta carta (Costa; Xukuru-Kariri, Krenak 2020) – De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu – sobre a forma que a sociedade atual vive a vida, em um acelerado desenvolvimento, no capitalismo que se faz presente na atualidade, a violência que permeia, além da importância de se praticar o Bem viver.

O autor, em seu pensamento (Costa; Xukuru-Kariri, Krenak 2020), conta que a forma que a sociedade eurocêntrica vive a vida, causou danos irreversíveis aos povos originários, nesse acelerado mundo onde se vive sempre disputando por algo. O ser humano sempre quer ser o dono da verdade e por meio disso acaba colocando em prática o egocentrismo, esse estilo de vida está longe de ser a forma que os povos tradicionais enxergam o mundo.

Se a sociedade atual continuar vivendo dessa forma, vai acabar sempre produzindo incidentes terríveis em busca de um progresso para a evolução de uma sociedade doente. Krenak expõe que ao invés do mundo ser habitado, começou a ser disputado, como se nós tivéssemos recebido o mundo para viver em uma eterna disputa, mas a vida não precisa ser levada dessa forma, e sim, mas leve e sem tanta aceleração (Costa; Xukuru-Kariri, Krenak 2020).

A forma que os indígenas levam a vida é totalmente diferente, praticando o Bem viver e respeitando a ancestralidade. A terra é considerada mãe para os povos tradicionais e para Krenak (Costa; Xukuru-Kariri, Krenak 2020), ser filho da terra é aprender que sempre estamos em relação com todos os seres sagrados em uma eterna conexão com a mãe-terra.

Diante disso, Ailton Krenak finaliza sua carta defendendo que é necessário sonhar, para permitir que a vida, em sua diferença, coexista. Por isso, “dance e suspenda o céu!” (Costa; Xukuru-Kariri, Krenak, 2020) Os filhos da terra necessitam dançar para que o céu possa ter uma atmosfera vital, praticando o Bem Viver, para que tudo entre em harmonia, as flores, os

pássaros, as borboletas, as matas, para que assim, haja uma comemoração da vida, afirma o autor.

A última carta da coletânea – O bem viver entre o presente e o futuro – serve como uma forma de contextualizar as demais obras para alertar sobre a atualidade, a respeito dos problemas que são enfrentados pela nossa atual sociedade, como o caso da recente pandemia da Covid-19.

As cartas fazem refletir que esse Bem Viver não pode ser encarado como uma utopia, mas como uma forma concreta de viver em sociedade, onde essas minibiografias refletem de maneira curta como é difícil ser indígena e manter sua cultura em nossa sociedade, além de se preocuparem em propagar essas tradições, justificando a urgência dessa escrita, como forma de chamar a atenção da sociedade, já tendo um avanço, pois os autores já se mostram presentes na Academia.

Assim, fica evidente que para conseguirmos ter uma sociedade que pratique o Bem viver, se faz necessário valorizar os saberes e ancestralidade dos povos tradicionais, povos estes, marginalizados ao longo da história, mas que sempre colocaram em prática o Bem Viver de forma harmoniosa e respeitosa, como maneira de deixar vivo sua tradição cultural e social.

Com isso, a prática do Bem Viver pela sociedade do sistema vigente poderá tornar a sociedade mais diversificada onde a base seja o respeito para com o próximo e o cuidado para com a natureza. Este estilo de vida e desenvolvimento alternativo deve-se apresentar de forma que integralize a todos, respeitando e cuidando de todos os membros da sociedade.

Como o que diz Alberto Acosta (2016) e os autores da “Carta para o Bem-Viver” (Costa; Xukuru-Kariri, 2020), onde é defendido a necessidade de construção de uma sociedade que tenha um novo estilo de vida em relação à convivência do ser humano com a natureza. Em ambos, surge a necessidade da reivindicação dos valores tradicionais, contra esse padrão de mundo que é imposto na sociedade capitalista atual.

Assim, se faz necessário, quebrar com esse ideário colonial e o Bem Viver se mostra importante para acabar com essas práticas. Dessa forma, o Bem Viver é uma soma de práticas que visam resistir ao colonialismo, fazendo com que culturas indígenas que não foram dizimadas pelo capitalismo, sejam evidenciadas e integradas à sociedade.

3.2 Ecologia de Saberes

A ecologia de saberes é um conceito que visa promover o diálogo entre vários saberes (Santos, 2008). Essa ideia é de extrema importância na sociedade moderna, por buscar uma

integralização de saberes, sejam científicos ou não, de modo que dialoguem juntos e assim, respondam aos questionamentos sociais. Mas como surgiu esse conceito? No livro escrito por Santos (2008) “A gramática do tempo: para uma nova cultura política”, o autor faz uma discussão sobre o tema e aborda o que realmente a ecologia de saberes defende.

O autor se refere ao conhecimento científico como sendo uma forma de conhecimento privilegiada e importante para a vida em sociedade. O conhecimento científico é uma forma de conhecimento que em algum momento da história ou em alguma sociedade foi fruto de um debate acerca da forma que poderia ou não impactar na localidade que está sendo produzida (Santos, 2008).

Este conhecimento científico, em suas formas, não é distribuído de maneira igualitária a todos e a tendência é que quanto maior seu privilégio epistemológico menor é esta distribuição (Santos, 2008). O autor, ao falar do conhecimento moderno, faz uma crítica afirmando que esse conhecimento não é a única explicação possível da realidade e que não tem o porquê de considerá-lo como a melhor explicação para tudo que está no mundo, pois tudo é baseado em um juízo de valor.

Dessa forma, deve-se ser posto em prática, não somente o conhecimento científico, mas também os saberes tradicionais, como forma de fazer com que haja o conhecimento de mundo, no mundo, compartilhado entre todos os grupos sociais, não com uma imposição de uma única verdade, mas de uma verdade que foi construída com a participação do todo (Santos, 2008).

É necessário entender que existe uma pluralidade de diversas explicações e concepções da realidade, e que, para cada pessoa, existe uma verdade e uma visão distinta de ver o mundo. Logo, cada um carrega consigo a sua verdade, e esta deve ser respeitada e valorizada, diz Santos (2008).

Mesmo com a pluralidade de culturas existentes em sociedade, há uma distinção ou mesmo hierarquização entre as classes, culturas, povos e epistemologias, e essa diferenciação é tratada por Santos (2007) ao falar do Pensamento Abissal.

Esse pensamento divide o mundo em duas linhas metafóricas, dividindo o globo terrestre em dois polos: os visíveis e os invisíveis. Portanto, há dois universos, cada qual do seu lado da linha, de um lado estão os conhecimentos alternativos à filosofia e à teologia, e do outro lado, os conhecimentos partidos dos povos marginalizados, são as chamadas magias e idolatrias, os conhecimentos passados por gerações e muitas vezes nascidos de forma empírica.

De um lado está uma realidade que não existe para o outro lado, onde tudo que é feito de um lado é ignorado pelo outro (Santos, 2007). Essa divisão justifica os conflitos que

acontecem no mundo atualmente. Entretanto, essa divisão já servia como base para a colonização nos períodos passados.

Para o sociólogo português, nos dias de hoje, essa divisão se mostra visível com as diferenças sociais, que são observadas nas cidades, que justamente se baseia na invisibilidade das diferenças entre um lado da linha e o outro, que são externadas através das injustiças sociais, que constituem as estruturas sociais, políticas e culturais da sociedade atual.

Através do pensamento abissal, se tem o “monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso à ciência, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia” (Santos, 2007, p.72). Dessa forma, na sociedade atual divide o conhecimento entre a verdade científica e não-científica, sendo uma em detrimento da outra.

O que acontece é a invisibilidade de formas alternativas de conhecimento, que não são aceitas e nem se adequam aos padrões de conhecimento, dito como referência para a modernidade. Assim, os conhecimentos tradicionais são colocados do outro lado da linha e tidos como irrelevantes, por não se adequarem a dicotomia do verdadeiro ou falso, estabelecido pela modernidade.

Esses conhecimentos vêm sendo reiteradamente invisibilizados e subalternizados ao longo da história, sendo importante que eles sejam vistos e conhecidos por todos. Assim, se reconhece a pluralidade de conhecimentos heterogêneos e que não só existe a ciência moderna.

O reconhecimento de todos os saberes subalternizados quando são integrados e respeitados acaba sendo integrante da epistemologia pós-abissal. É uma forma de buscar reconhecer os conhecimentos alternativos à ciência moderna, não a descredibilizando, mas reforçando a necessidade de que ambos possam andar juntos, explorando assim, a integralização de todos os tipos de conhecimento (Candau, 2016).

A autora Marinho (2014) faz uma reflexão acerca da necessidade de igualdade entre essas diversas formas de conhecimento e propõe o diálogo em um vínculo horizontal, no qual não exista conhecimento superior ou inferior, mas sim, pontos de vistas diferentes da realidade que se deve conversar entre si, tornando-se interdependentes (Santos, 2004 *apud* Marinho 2014).

Dessa maneira, o diálogo vai proporcionar oportunidades às diversas formas de saberes, validando a maximização dos seus respectivos benefícios para a construção de outro mundo, isto é, uma sociedade mais justa e democrática (Santos, 2014).

O professor Queirós (2016) afirma que considera o conhecimento científico moderno “um conhecimento mínimo que fecha as portas a muitos outros saberes” (*apud* Santos, 2003).

Quando valorizamos apenas um conhecimento e esquecemos o conhecimento do “outro” acabamos colocando em prática o conceito de “Epistemicídio”, e este, de acordo com Boaventura de Sousa Santos, é considerado uma forma de “morte de uma epistemologia” (Queirós, 2016).

Ao desenvolver sobre o tema do epistemicídio, os autores Santos e Meneses (2009) dizem que a dominação epistemológica foi uma forma de colonização, já que havia “uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados” (Santos; Meneses, 2009, p.6). Assim, houve com que os saberes fossem subalternizados de maneira efetiva pelos colonizadores.

A ideia de evangelização e a escolarização, foram exemplo de prática colonizadoras que fizeram com que houvesse o extermínio desse conhecimento tradicional, por práticas ocidentais de conhecimento. Assim, para Santos e Meneses (2009) riquezas e experiências cognitivas foram desperdiçadas.

Esse processo de epistemicídio acaba provocando muitas mudanças em diversas culturas, crenças e saberes populares que são produzidos dentro da sociedade. Esse conceito invisibiliza e oculta as contribuições culturais e sociais. “Quando matamos o pensamento do outro, na verdade transformamos esse outro em ‘coisa’, em uma mera ferramenta para gerar lucro para o sistema econômico capitalista” (Pessanha, 2018, p.63).

Dessa forma, não é possível imaginar um futuro não capitalista e que as epistemologias alternativas devam andar junto a esse ideal, e com a ciência moderna, pois já é algo firmado dentro da nossa sociedade, buscando um conhecimento que se desenvolva em conjunto.

Assim, pensar e promover a diversidade sem que se envolva o capitalismo é uma ideia utópica. Devendo ser buscado uma constelação de saberes mais ampla, onde todas as práticas de saberes coexistem (Queiroz, 2016). Essa integralização deve acontecer em relação aos saberes que sobreviveram ao epistemicídio ou que foram invisibilizados, mas que estão surgindo nas lutas sociais contra as desigualdades e discriminações.

Dessa maneira, é muito importante valorizar o saber que o “outro” carrega consigo, pois quando uma sociedade compreende que existem outras formas de conhecimento espalhadas no mundo e as respeita, cria uma sociedade ampla e diversificada, dessa maneira, não subalterniza outras formas de ciências secundárias. Pois não existe uma única maneira de produzir ciência onde “a própria ciência é plural internamente” (Santos 2007 *apud* Queirós, 2016, p. 140).

Com isso, quando reconhece a existência de outras formas de saberes que não exclusivamente ciência, se gera um espaço aberto para outros conhecimentos, para outras experiências de saberes, expõe Santos (2007 *apud* Queiroz, 2016).

Dessa forma, Arnt e Scherre (2021) destacam a necessidade da ecologia de saberes, como forma de fazer acontecer o diálogo entre todas as formas de conhecimentos. Sendo necessário, em alguns momentos, confrontar o conhecimento científico com outros tipos de sabedorias.

Assim, tem que ser desenvolvido o pensamento ecologizado, por este integralizar vários pontos em comum dos diversos conhecimentos existentes, entre as várias culturas do mundo. Esse pensamento faz com que exista uma maior dinâmica do todo, compreendendo inter-relações, não se atendo, somente, a fatos e objetos isolados.

Pôr em prática esse pensamento ecologizado rompe com a lógica reducionista de somente existir uma explicação para determinado fato. Com essa ruptura, pensa-se mais complexamente, com a possibilidade de haver outras explicações, novos caminhos e se planejar novas estratégias de futuro, como falam os autores Arnt e Scherre (2021).

Dessa maneira, é de grande importância o diálogo entre esses saberes, conseguindo colocar em prática o diálogo através da ecologia de saberes que gera a justiça cognitiva. O conceito de justiça cognitiva ajusta-se diretamente na busca de um tratamento igualitário de todas as formas de saberes, aduz Meneses (2009 *apud* Valença, 2014)

Com isso, se faz necessário que o conhecimento científico reconheça a importância dos conhecimentos populares que permeiam dentro da sociedade eurocêntrica. Esse reconhecimento e consequente diálogo que se possa travar entre as distintas culturas pode gerar o que recebe o nome de emancipação social, que é muito importante para os grupos sociais que se encontram à margem da sociedade.

Baseado nessa perspectiva de tratamento igualitário entre as formas de saber, destaca-se o sujeito ecológico, que, em poucas palavras, é um modo de ser relacionado à adoção de um estilo de vida ecologicamente orientado. Trata-se de um conceito que dá nome àqueles aspectos da vida psíquica e social que são orientados por valores ecológicos. O sujeito ecológico pode ser ainda descrito como um ideal ou uma utopia internalizado pelos indivíduos ou pessoas que adotam uma orientação ecológica em suas vidas, como apresenta Carvalho (2001).

Esse sujeito ecológico geralmente participa de algumas lutas sociais, e a autora Carvalho (2001), em sua linha de pensamento, destaca a Educação ambiental como a principal fonte de formação do sujeito ecológico. A Educação ambiental é herdeira direta do debate ecológico e

está entre as alternativas que visam construir novas maneiras de grupos sociais para se relacionarem com o meio ambiente.

Esse sujeito ecológico é importante na luta desses saberes que vêm sendo silenciados há muitos anos, e a ecologia de saberes é um instrumento fundamental para o reconhecimento e a valorização desses conhecimentos. “Sendo um convite a conversão da diversidade em um fator de visibilidade, enriquecimento e força coletiva, de modo que não se desperdice qualquer experiência social de luta e resistência.” (Barbosa; Sampaio, 2020, p.179)

Diante de tudo que foi exposto, Valença (2014), na sua linha de reflexão, fala sobre o espaço de tradução, onde se produzem condições nas quais os sujeitos marginalizados possam falar. Então é de grande importância proporcionar ao subalterno esse espaço, onde a exclusão que vem sendo produzida por décadas seja de uma vez excluída, modificando esse espaço para que a voz do subalterno seja ouvida e respeitada.

Esse espaço de tradução poderia ser considerado o espaço acadêmico, visto que dentro da academia, poderia proporcionar diversos encontros de conhecimentos. Valença (2014) destaca que a Universidade pode ser considerada um possível espaço de tradução, abrindo um grande leque de oportunidades ao diálogo com esses povos subalternizados, marginalizados e inferiorizados pela sociedade.

Com isso, são necessários espaços de fala dentro da sociedade contemporânea, para que os povos subalternizados mostrem sua cultura, seus saberes, sua epistemologia e sua cosmovisão, sempre dialogando com outras formas de saberes e grupos sociais e principalmente com a ciência moderna.

Este encontro não deve ter líderes, mas facilitadores (Carneiro; Krefta; Folgado, 2014) e deve ser realizado com a participação de distintas culturas e grupos diversos, pois o objetivo é o diálogo entre os grupos sociais divergentes. O processo de tradução deve ir além da compreensão de uma palavra ou língua, mas de se compreender a cultura e modo de vida do outro (Valença, 2014).

Por último, salientamos que o campo universitário pode, como afirma Valença (2014), assumir este papel ou mesmo vestir esta roupagem de espaço de tradução. Sendo um ambiente que abriga uma diversidade enorme de culturas e grupos sociais distintos. A prática do diálogo intercultural em seu meio pode ser um ganho adverso para a sua base epistemológica e esse ganho não se atém somente à academia, mas à sociedade, que com o reconhecimento e valorização da diversidade cultural existente em seu meio, tem a chance de enriquecer sua base epistemológica e fazer justiça social e cognitiva global, permitindo que esses grupos

marginalizados pela ciência moderna, atormentados pela crescente valorização da monocultura do conhecimento, alcancem a emancipação social.

E assim, além de proporcionar esse rico encontro de conhecimento vai contribuir para a descolonização da academia excludente, que monopoliza uma forma de conhecimento colonial, que inferioriza saberes e culturas, por isso, surge a necessidade de descolonizar o ensino, em todas as suas formas e práticas, a Educação e a Academia, para que assim, haja o respeito e a sensibilidade de povos, saberes, culturas e tradições que estão presentes em nosso meio.

3.3 Quem é o Povo Xukuru

O Povo Xukuru é um grupo de indígenas que ficam localizados entre as cidades de Pesqueira e Poção, localizadas no agreste pernambucano. É uma população que tem lugar de destaque em meio às mobilizações sociais, no que se refere às reivindicações de direitos indígenas, como também, em algumas disputas e articulações políticas locais. Seja no embate contra os fazendeiros invasores do seu território, seja junto aos órgãos públicos, na busca pelo reconhecimento e garantia de seus direitos, ou ainda, nas articulações com a sociedade civil. Os Xukuru estão sempre se mobilizando em defesa dos seus.

Esses indígenas atualmente detêm reconhecimento internacional devido ao atual líder, o Cacique Marcos, que é articulador político, com grande influência e respeito pela sociedade civil. Entretanto, para compreender como se deu esse reconhecimento internacional, temos que entender quem é esse povo que fica localizado no agreste do estado de Pernambuco.

Voltando um pouco à história dos indígenas Xukuru, após o período autoritário brasileiro, que findou em 1985, começou o processo de redemocratização, marcado pelo início da Assembleia Nacional Constituinte. Neste momento, os povos indígenas do Brasil se articularam em defesa dos seus direitos, inclusive o próprio povo Xukuru.

Apoiados pelo Conselho Indigenista Missionário-Regional Nordeste (CIMI-NE), o Xukuru e outros povos indígenas nordestinos estiveram presentes no debate constitucional, viajando diversas vezes a Brasília pressionando os constituintes para que os seus direitos estivessem presente na Constituição que ali estava sendo redigida, segundo Silva (2009).

É perceptível que a luta dos Xukuru é antiga, antes mesmo desse período, tiveram algumas lideranças que se destacaram ao longo do tempo. Uma delas foi o Francisco de Assis de Araújo, conhecido como Xicão, sendo este, uma das lideranças que estiveram presentes nesse processo constituinte. Xicão, posteriormente, tornou-se o Cacique Xicão, ordenado através dos Encantados (Silva, 2009).

Sendo ele um grande articulador indígena no Nordeste, representava não apenas os interesses de seu povo, os Xukuru, mas de toda a população indígena brasileira. Nesse processo de redemocratização, com participação direta em Brasília, capital do país, ele vestia uma roupagem de articulador e líder nato, sempre promovendo reuniões com os indígenas, em sua volta à comunidade, para que soubessem como estava o processo constituinte, relatando os acontecimentos ocorridos na capital do Brasil naquele período, destaca Benites (2020).

Como já foi relatado, a história do povo Xukuru é marcada pela luta e garra dos seus integrantes, que ao longo do tempo nunca perdeu a esperança de ter seus direitos efetivamente assegurados. Com a promulgação da Constituição Cidadã em 1988, onde foi assegurado o direito a suas terras, a disputa na serra do Ororubá acirrou (Silva, 2009).

Para reafirmar a posse das terras, os indígenas utilizaram acontecimento passados, como, por exemplo, a participação dos indígenas na Guerra do Paraguai, onde participaram como voluntários da pátria, alegando que o Governo Imperial deu a posse da terra como recompensa por essa participação na guerra e ainda o processo de extinção do Aldeamento de Cimbres, que aconteceu na Serra do Ororubá, por volta de 1879. Esse fato ocasionou conflitos violentos contra os fazendeiros invasores naquele período, cita Silva (2009).

Como representante de seu povo, o Cacique Xicão destacou-se neste período de conflito, por lutar pelo reconhecimento da posse das terras. Devido a esse destaque, as ameaças contra o Cacique começaram a surgir, já no final da década de 1980, fazendo com que ele sempre informasse às autoridades que estavam sendo ameaçado, entretanto, estas não fizeram nada para protegê-lo. O que ocasionou seu brutal assassinato no dia 20 de maio de 1998, em frente à casa de sua irmã, em Pesqueira, como é mencionado em Chicão (2018).

Cacique Xicão é tratado como um herói do povo Xukuru, devido ao reconhecimento do povo pela sua luta em prol dos indígenas como um todo, não somente da sua comunidade. A importância do cacique é tamanha, que junto a festividade, que acontece anualmente na vila de Cimbres, o saúdam junto a Nossa Senhora das Montanhas, divindade que os Xukuru denominam de “Mãe Tamain”, que, para eles, é uma santa cabocla que os apoiam na luta pela terra e ainda a tem como a protetora do povo Xukuru. Nessa festividade, há uma procissão que os indígenas entram carregando o andor e gritam “viva Tamain, Pai Tupã e o Cacique Xicão”, explana Silva (2007, apud Silva, 2002).

Logo após a morte do cacique Xicão, quem assumiu a liderança foi seu filho Marcos. Ele assume a responsabilidade de líder com apenas 21 anos de idade e desde esse período se dedica a melhoria de vida e luta pelos direitos do seu povo.

Em uma entrevista realizada pelos documentários produzidos pelo Canal do IFPE e pela produtora Pé na Rua Caravanas, o Cacique Marcos relata que os ancestrais lhe deram essa missão de liderar o povo Xukuru e que ele se sente realizado, pois consegue ser um instrumento de luta dos encantados, inclusive do próprio Cacique Xicão, que hoje se revela um encantado do povo Xukuru (Documentário, 2016).

Continuando em sua fala, o Cacique Marcos afirma que vai continuar firme em sua caminhada e sabe aonde quer chegar com o povo Xukuru. Declara que é realizado com a sua missão e reconhece que conseguiu, junto com os Encantados e o seu povo, melhorar a qualidade de vida dos integrantes do povo Xukuru (Documentário, 2016).

Durante essa caminhada, o Cacique conseguiu, junto com a força do povo, se eleger Prefeito da Cidade de Pesqueira, uma vitória onde mostrou a força dos indígenas, contra uma articulação dos fazendeiros e políticos da cidade. Entretanto, Marcos teve a chapa cassada pelo TSE, em decorrência de uma condenação por dano ao patrimônio particular, ocorrido em 2003, que o deixou inelegível até 2024, assim não chega a assumir a chefia do poder executivo do município, expõe Ebrahim (2022).

Devido à sua liderança, o Cacique Marcos detém um protagonismo reconhecido internacionalmente, devido a sua luta pela defesa dos povos indígenas de maneira geral. Com a criação do Ministério dos Povos Indígenas, no atual Governo Lula, o cacique Marcos Xukuru foi anunciado como assessor especial da pasta, pela titular do Ministério, a Ministra Sônia Guajajara. Percebe-se atuação direta do cacique na luta por direito e valorização da cultura dos povos indígenas, dada a sua representação e força política.

O povo Xukuru faz parte de um sincretismo entre as práticas e crenças dos seus antepassados e a religião católica. Um dos maiores laços que une as comunidades, e que é considerado um símbolo de resistência dos indígenas, é o ritual denominado “Toré”. O Toré tem particularidade que é ter esse caráter polissêmico. Diante disso, em algumas ocasiões é realizado como ritual, em outros como uma brincadeira e pode ser considerado também como uma dança que se enquadra ao ritual do povo Xukuru (Melo, 2019).

Segundo Melo (2019), há dois tipos de Toré: um é realizado de maneira espiralada, que se dá com as danças nos terreiros de Ritual Sagrado e o outro que acontece em formato de “S”, que é praticado na porta da Igreja Católica na Festa de São João, realizado na Vila de Cimbres.

Diante disso, para os indígenas Xukuru, o Toré é parte integrante do Ritual Sagrado, proporcionando o diálogo com os “Encantado de Luz”, aduz Melo (2019). Unindo assim, a

força da comunidade e proporcionando momentos de conhecimento e enriquecimento da sua cultura possibilitando um legado ainda maior para esses povos tradicionais.

Outro símbolo religioso do povo Xukuru, que merece destaque, é o Terreiro, que para esses indígenas é considerado um lugar de união com outros elementos, o que Melo (2019) define como “geossímbolos sagrados”, que fazem parte da Natureza. Este local é um espaço de diálogo entre os indígenas e os Encantados, segundo a sua tradição. Nesse local, as pessoas fazem oferenda aos encantados e, dependendo do momento, essas entidades possuem alguma ligação específica com alguns indígenas, que em muitos casos são médium, expressa Vieira (2018).

Diante disso, os Terreiros foram criados para o Toré não ser mais realizado de forma escondida e a partir disso foi criada uma tradição (Oliveira, 2010 *apud* Vieira 2018). Os terreiros são construídos dentro das matas para fortalecer a ligação com os encantados e com a natureza sagrada e geralmente são criados próximos das aldeias, fala Vieira (2018).

Essas tradições e religiosidades são passadas de geração em geração e com o passar do tempo esse povo vem ganhando reconhecimento pela sociedade. O povo Xukuru representa a luta por direitos da população indígena do país, essa atuação marca a história do município de Pesqueira, como também, a história do Estado de Pernambuco.

Dessa forma, respeitar todo o conhecimento que essa população carrega, e a partir disso, ouvi-los, se faz necessário, podendo abrir um possível espaço para uma academia que integra a todos em sua volta.

A academia é um lugar que proporciona encontro de vários saberes. Valença (2010), destaca a importância de se produzir espaços de traduções no qual o subalterno possa expressar suas lutas, e esses espaços de tradução poderiam ser as Universidades.

As Universidades são um lugar cheio de conhecimento e de culturas se encontrando. A partir dessa reunião de conhecimentos, é importante criar situações nas quais o espaço de subalternidade, onde a exclusão é produzida, seja modificado para espaços onde a voz do subalterno seja escutada e respeitada.

Com isso, percebe-se a importância de valorizar toda a história que os indígenas trazem consigo, história esta que é marcada por muita luta e resistência. Diante disso, é de extrema necessidade trazer todo esse conhecimento para a academia, para que haja uma pluralidade de conhecimentos, que juntos só podem trazer ganho para a sociedade, como na medicina, filosofia, sociologia e nas mais diversas áreas.

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

A partir da história de vida de Thiago Torres de Lima, onde foi coletada em uma entrevista não estruturada, realizada via Google Meet, no dia 19 de julho de 2023, às 19h, com duração de 1h40min, pôde ser realizada uma análise sobre o processo de descolonização da academia com objetivo de entender a contribuição que a Instituição de Ensino Superior trouxe para a sua vida de estudante indígena e o que ele levou de melhoria para a sua comunidade e de que forma os saberes do povo Xukuru contribuíram para o processo de descolonização. De início foi indagado quem seria Thiago Torres de Lima, que respondeu:

Thiago: Sou da Aldeia Cana Brava, onde coordeno a escola aqui, no entanto, diante da invasão de terra que houve no nosso território, há séculos, aí depois de 1850, com a legalização entre aspas, por parte do Estado brasileiro, que na época era o Império, através da lei de Terras que de certa forma legalizou esses fazendeiros, esses posseiros que tinham invadido essas terras que supostamente eram devolutas, na perspectivas da coroa portuguesa, mas diante dessas circunstâncias, nós como povo Xukuru, fomos, ao longo do tempo, sendo imprensado, nosso território foi cada vez mais sendo invadido, por esses posseiros, fazendeiros. [...] Meu avô foi um cara que vivia em um pedaço pequeno de terra com minha avó, tiveram 10 filhos, Mainha, meus tios, minhas tias, enfim... O que acontece é que chegou um determinado momento que de tantas bocas para alimentar, tanta gente para comer, o pequeno espaço de terra que ele tinha já não dava ênfase para a sustentabilidade da família.

Nisso ele precisou de mais terra para plantar e vender na feira livre de Pesqueira. Com isso, acaba arrendando um pedaço de terra, dentro de nosso território, a um dos fazendeiros e lá esse fazendeiro colocava o gado dele para comer as plantações do meu avô. Foi aí que minha família para não morrer ou causar um problema maior, alguém... tu sabe, né? Foram para a cidade, acabaram nesses bairros periféricos, mais precisamente no bairro da caixa d'água e foram procurar trabalho, mas precisamente na fábrica Peixe que era uma fábrica de produtos alimentícios de Pesqueira e lá a gente viveu. Em meados da década de 80, mais precisamente em 86, eu nasci e mesmo estando morando em Pesqueira lá no bairro da caixa d'água, que é majoritariamente de indígenas, apesar de que muitos, infelizmente, não se identificam como indígenas, a gente nunca perdeu nosso vínculo com nosso território sagrado, com nossa cultura, com nossa tradição e, sobretudo, com a natureza, com a força dos encantados, que é quem nos fortalece cotidianamente. De lá pra cá sempre foi muita luta, participamos dos processos de retomada, que se deu aqui dentro do território, onde houve a desintrusão, nesse caso, a saída dos fazendeiros, não por eles quererem, mas por que a gente foi para cima mesmo. Enfim, minha mãe formou-se professora, eu sempre li muito, desde de pequeno, Mainha sempre, nisso eu fiquei pensando, “rapaz vou seguir essa carreira, vê se ela tem algo a me dar” e de fato foi transformadora. A minha adolescência foi na cidade, onde não sei definir... foi um índio roqueiro, pronto... Ouvia muito rock, só rock pesado, metálica... Enfim, foi isso e outras vivências de adolescente mesmo.

Com a fala de Thiago, ao retratar sobre a sua história de vida, observou-se como ela foi marcada por muita luta, desde a infância até os dias atuais, reflexo de uma sociedade que sempre ocultou da história uma parcela considerável da sua população, que são os povos indígenas, que são marcados pela invisibilidade daqueles que se julgam superiores. Por isso, muitos indígenas

foram expulsos de seus territórios sagrados, fato esse que aconteceu com Thiago e com muitos indígenas Xukuru em Pesqueira.

Vale ressaltar que, mesmo longe, morando na periferia de Pesqueira, Thiago não perdeu seu vínculo com a sua identidade, sua cultura, buscando manter o contato íntimo com a natureza e com a força dos encantados. A luta atualmente não é só de Thiago, mas de todos os Xukuru, para que os direitos que a eles são garantidos sejam efetivados, pois é oriundo de uma luta violenta, que ocasionou mortes de indígenas, como a do Cacique Xikão, citado por Thiago como referência de luta. Mesmo já tendo avançado em muitas coisas, os Xukuru continuarão a avançar, como é dito em seu grito de guerra “Diga ao povo que avance. Avançaremos”.

Esse processo de invisibilização de fato se dá de maneira sistemática, onde os saberes, religiões e até a cultura são ocultados da sociedade, segundo Melià (1990). Porém, todo esse sistema que invisibiliza começou a ser questionado, mesmo que de forma lenta, diante dos debates, que acontecem na sociedade atual, pois se busca valorizar esses povos tradicionais, seus saberes e a sua cultura, como destaca Valença (2014). Thiago foi questionado acerca de sua vivência na escola, onde disse:

Thiago: Sempre estudei em Pesqueira, em uma escola do Estado, Escola José de Almeida Maciel, interessantemente, nessa escola, dentro do currículo escolar, que era impetrado naquela escola durante o tempo que lá estudei, nunca houve, um mínimo que seja, alusão ao povo Xukuru, ao povo que verdadeiramente fez a história desse município. Até bem muito pouco tempo, o currículo escolar nas escolas de Pesqueira servia para invisibilizar também a população Xukuru. E assim, também nunca desisti, nunca me desvinculei da minha tradição, nisso de lá para cá, terminando o ensino médio, prestei vestibular, passei em uma faculdade privada, na época não tinha condições de pagar, eu tinha 18 anos [...].

A história do Povo Xukuru se assemelha com a história do município de Pesqueira, sendo os indígenas parte significativa da população da cidade, mas Thiago destaca que, durante sua vida acadêmica em Pesqueira, a história dos Xukuru não se fez presente, o que era repassado servia mais como uma forma de invisibilizar os indígenas, e assim silenciava a história do próprio município.

Essa invisibilização dos povos tradicionais é algo que acontece muito nos locais de ensino, independentemente do nível, sendo aplicado uma forma colonial, um padrão que oculta parte da história do próprio país, de maneira que, não há uma valorização da enorme bagagem de conhecimento que esse povo carrega.

Diante disso, Machado e Soares (2021) pontuaram, como já citado, que os locais de ensino que inferiorizam os saberes tradicionais, devem ser transformados para que seja um lugar onde o subalterno também se torne o protagonista da sua própria história, e essa parte

significativa da sociedade seja reconhecida e inserida nas práticas pedagógicas, o que corrobora com a linha freireana sobre uma Educação libertadora.

Foi questionado qual o curso que Thiago não concluiu, onde respondeu:

Thiago: Sim, era história em Belo Jardim [...] iniciei mais uma vez a faculdade, foi quando eu comecei a substituir alguns professores nas escolas, não só as de Pesqueira, inclusive aqui dentro no nosso território sagrado, sobretudo na área de humanas, na qual eu sempre gostei muito. Aí nesse sentido, acho que por volta de 2009, a gente iniciou licenciatura intercultural em Caruaru, na Universidade Federal, através de muita luta, a COPIPE, que é a Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco, onde vários coordenadores, lideranças e cacique de todos os povos indígenas de Pernambuco, que é um movimento autônomo dos povos, que pleiteiam por melhorias, qualidades de todos os aspectos na política de Educação escolar indígena, inclusive esse processo de formação inicial, nesse sentido para professores, formação no caso de nível superior, para quem não tinha. Nisso foi onde surgiu essa primeira turma, eu iniciei, lá eu fiz ciências humanas e sociais e me dediquei mais a área de História obviamente, que particularmente gosto muito. Aí nesse sentido, concluindo esse curso, acho que em 2012, a gente já iniciou um novo curso, nesse caso de especialização *latu sensu* que aí nesse sentido foi em Especialização em Histórias e Culturas Indígenas e Afro-Americanas, também na UFPE, fiz outros cursos de extensão, sociologia, a gente nunca parou na verdade.

Thiago destacou que sua mãe o inspirou a seguir os passos dela em relação à Educação. É perceptível em sua fala o amor pela Educação e como isso transformou sua realidade. Evidenciou a atuação do COPIPE, na luta por uma Educação contra esse padrão colonial, buscando a evidenciação do ensino indígena nas instituições de ensino.

É possível destacar como a articulação em prol da causa indígena é pertinente, pois foi assim que se conseguiu criar políticas públicas que valorizem os saberes tradicionais, de tal forma, que chegou a uma universidade pública, por isso a importância do diálogo dentro dessas instituições abrindo possíveis espaços para o conceito de ecologia de saberes, onde as mais diversas formas de conhecimento coexistam juntas, de modo que todos aqueles que estão envolvidos na Academia ganhem com isso.

Assim, teríamos a horizontalidade que a autora Luciana Marinho (2014) desenvolveu, não havendo saberes que seriam superiores ou inferiores, mas que todos são saberes iguais e que devem ser vistos sob a ótica de que todos são iguais, nas suas diferenças, cada um trazendo consigo a sua forma de enxergar a sua realidade, tendo sua própria percepção de mundo.

Assim, foi perguntado quais foram os desafios que Thiago teve na Universidade, por ser indígena:

Thiago: Sim, eu lembro bem, Shirley. Apesar de que a gente em Pernambuco ter a quarta maior população indígena a nível de Estado no país, mas a gente percebeu que existia um desconhecimento quase que total, por parte da maioria dos pernambucanos, aí necessariamente dos caruaruenses, que estudavam lá na Universidade Federal, para eles foi um choque, “OXENTE, INDÍGENA, AQUI? DE PERNAMBUCO? NA UNIVERSIDADE? NÃO, QUE É ISSO” (grifo nosso). Nisso, às vezes dançava nosso ritual, proclamávamos nossas entidades e aí, uns saíam chamando de macumbeiro, que aquilo era coisa de macumba. Enfim, aquelas palavras para depreciar de fato nossa

cultura e de certa forma a cultura de matriz africana que nada tem a ver com a nossa tradição cultural enquanto indígenas que somos, mas enfim, isso é uma outra circunstância. Nisso de fato fomos preconceituosos por muitos estudantes, alguns professores, inclusive da Academia não se sentiam bem com a nossa presença na universidade, a gente tinha alguns acessos restritos, vamos supor assim, no entanto o direito do campus a época, um cara extraordinário, sempre puxando todo o corpo docente da universidade, no caso do Campus Caruaru, para o campo da respeitabilidade, não só da tolerância, mas da respeitabilidade, da sensibilidade, para com a gente, como população indígena daqui de Pernambuco e com muita luta, a gente consegui concluir esse curso.

Um dos pontos trazidos por Thiago é o não reconhecimento sobre a existência de indígenas no estado de Pernambuco, ainda se tem um estereótipo de que indígenas só vivem em regiões de mata, isolados da vida urbana, o que ocasiona preconceitos. Muito disso se deu por conta dessa ocultação que acontece sobre os indígenas nos locais de ensino, a falta desse ensinamento decolonial e horizontal gera isso.

Essa problemática é desde o início do Brasil, onde o próprio estado brasileiro oculta os seus da história, o Brasil não começou em 1500, vem desde muito antes, mas o que é repassado é tão somente o lado vencedor, o lado dos sujeitos do Norte Global. Por isso Santos (2007) afirma em haver uma linha abissal, onde se tem um lado dito como superior e um lado inferior que é totalmente ignorado.

Essa problemática só muda quando começar a ser colocado em prática a ecologia de saberes, onde todas as formas de conhecimento sejam discutidas e debatidas, começando desde os anos iniciais nas escolas até o ensino superior nas faculdades. Esse movimento deve partir do próprio estado brasileiro para reparar os males causados pela produção de subalternizações, diferenciações e preconceito nos grupos sociais, nas pessoas e nas suas epistemologias e saberes, desde a chegada dos portugueses ao país.

Thiago foi questionado no sentido de saber quais eram os preconceitos vivenciados na Universidade e se conseguiu de alguma forma ter espaço no Campus e se haviam eventos que integrasse os indígenas:

Thiago: Sim, havia vários eventos promovidos pela própria Universidade, eles tentavam sempre que possível nos inserir no contexto étnico social e cultural nos eventos que aconteciam no Campus do Agreste ali em Caruaru. Tinha alguns bem específicos, obviamente, que nesse sentido eram mais os laboratórios, que nós fazíamos através de cada disciplina final da disciplina. Com isso era muitas vezes convidados outros cursos, sobretudo de pedagogia, que é muito bem-conceituado o curso de pedagogia de lá e eles sempre chegavam juntos, o curso de pedagogia sempre foi o que mais se comunicava, que mais dialogava, trocávamos figurinhas, debatíamos experiências pedagógicas, culturais, sociais, entre outros. [...] Fiz a especialização também lá, conclui a especialização e houve o lançamento de uma segunda turma para licenciatura intercultural, onde foi feita uma seleção simplificada, participei, consegui entrar e foi minha primeira experiência enquanto professor na Universidade. Foi uma experiência espetacular, no qual pude aprender e também compartilhar um pouco do que já conhecia com muitos professores, sejam da própria academia, como também

professores indígenas de outros povos. Foi uma experiência surreal, da qual tenho lembranças maravilhosas.

Essa parte da fala de Thiago pode ser entendida como um exemplo da ecologia de saberes, onde a direção da Universidade buscou valorizar os saberes que permeiam no meio acadêmico – saberes científicos e saberes tradicionais – fazendo com que houvesse essa troca de saberes. Não sendo só sobre conhecimento, mas foi oportunizado a possibilidade de debates sobre cultura, metodologias de ensino.

É isso que a ecologia de saberes materializa, o efetivo do diálogo entre as mais diversas formas de saber, mostrando que elas podem conviver em harmonia. Dessa forma, todos os integrantes da Academia ganham, seja o professor, seja os alunos, seja a coordenação, todos que ali integram saem vencedores de um local assim. Assim, pode gerar a justiça cognitiva, que é justamente esse tratamento igual aos mais diferentes saberes, indo contra essa hegemonia do ensino que é praticada no meio acadêmico, afirmando o que o autor Marcos Valença discute sobre a importância de valorizar toda forma de conhecimento que transite no meio da nossa sociedade (2014).

Foi tratado sobre o período em que Thiago foi secretário de Educação de Pesqueira, buscando compreender se ele buscou integrar o ensino indígena nas escolas:

Thiago: Passei dois anos como gestor foi uma outra experiência enquanto educador, que diria que foi muito boa porque você tem uma oportunidade de fato, através do poder público, do poder executivo a realidade da Educação, inserir de fato a Lei 11.645, outras circunstâncias mais sociais, dentro da Educação no município, que sempre invisibilizou. A gente teve a oportunidade de dar de fato essa perspectiva para a Educação municipal em Pesqueira.

Sim, a minha ideia chegando lá sempre foi de fazer essa integração através da Lei 11.645, [...] mas eu implementei de fato, não só através do cotidiano, pedagógico da didática metodológica dos professores, mas sobretudo através do currículo. Revisitou o currículo escolar do município, a gente trabalhou na perspectiva de reformulação dos PPPs das escolas, justamente para inserir, não só a questão Xukuru, na verdade, fui bem genérico, na perspectiva indígena, para não falarem que estava puxando sardinha para o povo Xukuru, por isso fui bem genérico. Inserir também, dentro desse contexto, as religiosidades de matrizes africanas, os povos de terreiros, dentre outras circunstâncias justamente para ir quebrando esses paradigmas, sobretudo por ocasionar muitos preconceitos em muitos lugares e obviamente que Pesqueira não é diferente.

Foi um tanto quanto difícil, a gente aqui no nosso território sagrado, a gente vivencia uma Educação escolar diferenciada, da Educação dita como “regular”, vamos supor assim, essa Educação convencional, obviamente que a gente está vivenciando nosso currículo, nosso PPP, mas com outra perspectiva, porque a Educação aqui ela é um dos esteios para a manutenção da nossa tradição, nossa cultura, da nossa religião entre outros. A escola que acontece no município, ela tem uma outra perspectiva, aí a gente precisa trabalhar lá através de outra ótica.

A Lei Nº 11.645/08 modificou as diretrizes e bases da Educação nacional, incluindo nas redes de ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Com sua

promulgação, houve a tentativa de que se incluísse outras perspectivas acerca da história e formação nacional, buscando resgatar as contribuições que esses povos trouxeram consigo para a formação da identidade nacional em suas mais diversas áreas.

Por isso, ao implantá-la na rede municipal de ensino, Thiago concretizou o que essa Lei tem como ideia, que é justamente de dar o ponto de vista de um lado que foi colonizado, valorizando, assim, toda sua bagagem cultural, tradicional e as suas ações que geram a identidade nacional. Por isso, a atitude de Thiago como secretário municipal foi importante, pois não somente os saberes e valores indígenas foram valorizados, mas também, os saberes e culturas de matrizes africanas.

Esse fato foi de grande importância para que sejam rompidos os estereótipos que essas populações tradicionais sofrem, mostrando que eles não estão somente nas matas, mas que estão mais perto do que se imagina e que muitas vezes as histórias das cidades se assemelham com a histórias desses povos.

Thiago fala sobre a vivência na escola localizada no Território Sagrado Xukuru, onde lá é uma forma de manter a tradição do seu povo viva, pois além do ensino padrão, vivenciado nas escolas tradicionais, eles estudam e aplicam metodologias tradicionais de ensino, fazendo com que os indígenas que cresçam na sua própria região e aprendam, desde pequeno, a ter essa ligação com a natureza e com os encantados para que no futuro próximo eles continuem lutando pelos direitos do povo Xukuru e mantenham viva a sua cultura.

Reafirmando, o pensamento do líder e pensador indígena Krenak (2019), quando ele fala sobre a relação dos indígenas com a natureza, sendo esta uma relação intimamente ligada ao meio ambiente em que vivem, onde personificam a natureza como elemento tão importante que chega a considerar como um membro de sua família. Dessa maneira, seguindo a linha de pensamento de Krenak (2019), há uma relação do ser humano com a natureza, criando um ambiente de harmonia entre todos.

Com isso, foi observado que é possível que as mais diversas formas de saber podem ser integradas, convivendo e repassadas de maneira igualitária a todos, onde o saber científico, sendo a base epistemológica da Academia, possa caminhar junto com o saber tradicional, sem inferiorizar e sim gerando o respeito com o diálogo intercultural, o que ocasiona uma possível descolonização do meio acadêmico para os que a integram.

Assim, Thiago sendo indígena integrante da Comissão Indígena de Pernambuco, presidente do Conselho Escolar Indígena, questionou-se se sua história de vida poderia impactar e possivelmente incentivar outros indígenas que estão começando a vida acadêmica:

Thiago: Creio que sim, eu nunca fui rico, sou de origem muito humilde e até hoje, tudo que porventura eu conquistei foi de fato através da Educação, da Educação familiar, da Educação na comunidade, tudo que aprendi com nossos mais velhos e Educação escolar de fato. Foi ela que me deu a orientação, não vou dizer o Norte, vou descolonizar, vou dizer o Sul, foi ela que me deu o Sul de ir atrás dos meus objetivos. Aí, dentro dessa perspectiva, essa luta que a gente travou e trava até hoje ela tem tido respaldo, pouco a pouco, mesmo diante dos retrocessos que foram ocasionados a nós, enquanto população indígena, não só eu, mas tantos outros guerreiros não só do povo Xukuru. Aí creio que a gente serve de inspiração, sim, para que outros tantos guerreiros que estão dentro desse processo de formação na escola e na comunidade eles possam ter êxitos nos seus objetivos. Objetivos esses que vão para além dos individuais, são os objetivos também coletivos. Porque a nossa luta não é meritocrata, não é uma luta por Thiago, não por Thiago que conseguiu porque lutou. Eu sou fruto de um processo de luta, eu me inspirei em guerreiros, que muitos desses que já não estão mais aqui, tombaram nessa luta, derramaram seu sangue em prol dessa luta. Então, de fato, a gente acaba sendo espelho também para esses estudantes, eles vislumbram na gente exemplos para que esse processo de luta permaneça, por isso a importância da Educação escolar indígena, dela ter essas especificidades

Thiago fala da importância da Educação na sua vida, como forma de mudar sua realidade. Ainda ressaltou o processo de luta para a efetivação de direitos de seu povo, que por muitas vezes foi violento e que muitos indígenas serviram de inspiração para ele e que atualmente, sua história de vida pode servir de inspiração para os futuros indígenas.

Por isso, a Educação tem que ser libertadora, como diz Paulo Freire, pois “quando a Educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (Freire, 2005, p. 269). Com isso, Thiago destacou a importância de o ensino indígena manter as especificidades de sua tradição, como forma de manter a cultura de seu povo viva nos mais jovens e que a luta indígena não é meritocrata, mas, sim, de todos, não somente indígenas, mas da coletividade como um todo.

Assim, colocou-se em prática o conceito do Bem Viver trazido por Acosta (2016), que é um conceito para a comunidade, que é quando o ser humano vive em harmonia com todas as pessoas e com a natureza ao seu redor. Assim, sempre vai ter uma pessoa que se preocupa com o bem-estar do próximo, por exemplo, se na comunidade todos os seus integrantes estão bem, a comunidade vai bem, mas se houver uma pessoa que não esteja, deve toda comunidade se juntar para ajudar aquele indivíduo, buscando sempre um bem coletivo.

Ao ser questionado sobre qual seria o posicionamento acerca de instituições de ensino descolonizadas, que valorizam outras culturas, Thiago falou que:

Thiago: Eu creio que a gente precisa trabalhar na perspectiva de cada vez mais as instituições possam, não só ter essa consciência, mas sobretudo a sensibilidade de que descolonizar é necessário, não só a nós como população indígena, mas as populações, povos de terreiro, as de matrizes africana como um todo, o movimento LGBTQIA+ e outras populações que são perseguidas e depreciadas como os ciganos e tantos e tantos outros, entende? As instituições precisam ter, na minha humilde opinião, essa responsabilidade, tem se cobrado muito das instituições, de empresas, instituições educacionais a ideia de uma maior conscientização ambiental, mas precisa se ter

também essa consciência, essa sensibilidade, em relação às populações que sempre foram perseguidas, depreciadas, de alguma forma violentadas ao longo da história desse país. É nesse sentido que a gente precisa trabalhar. E a gente enquanto educador, temos um papel fundamental dentro desse processo, pois por onde a gente passa, enquanto professores que somos, acaba deixando uma coisa da gente e o que a gente deixa é aquilo que vão lembrar de nós. E assim, nas instituições que a gente passa, a gente precisa deixar essa marca. E creio, particularmente que tem algumas instituições, organizações, que por mais que tenham legislações que corroboram nossos direitos, o reconhecimento cultural entre outros tantos, mas penso que ainda é pouco, do ponto de vista político. E a gente precisa trabalhar, principalmente para que a perspectiva que as instituições públicas, o Poder Legislativo, sobretudo, tenha essa sensibilidade de fazer com que outras organizações institucionais de escolas a outras tantas, tenham de fato essa consciência, essa sensibilidade de se autodescolonizar. E isso é um processo, na minha humilde opinião, a gente está caminhando, engatinhando, acho que nem isso, é uma pequena sementinha dentro dessa perspectiva de descolonização, eu creio que seja uma pequena semente, que pouco a pouco a pouco tem brotado. Você (Shirley) é um exemplo disso [...]. Você, de alguma forma, já é fruto dessa descolonização, dessa decolonialidade que tem acontecido dentro das instituições. Obviamente que no serviço público, no próprio IFPE eu não tenho dúvidas que tem pessoas que são extremamente contrárias, conservadoras, assim como na Universidade Federal e outras instituições educacionais a nível superior, mas é processo, nós estamos engatinhando e caminhando devagarinho e é uma semente que vai dá fruto e você já é fruto disso.

Thiago tratou da descolonização dos meios acadêmicos como algo necessário, mas não somente para os indígenas, mas sim, para todas as minorias sociológicas que estão presentes na sociedade. Ressaltou que é papel de todos a busca por essa integralização, para que se respeite e dê destaque a essas populações. E ainda, que cabe ao Poder Público buscar meios para a concretização de políticas públicas a essas pessoas, buscando a igualdade formal, tratando os desiguais na medida de sua desigualdade.

Atualmente, já se tem frutos de algumas políticas públicas que buscam dar meios iguais a todos, mas Thiago destacou que é pouco ainda, por causa da dimensão dessa inferiorização, mas que se caminha, mesmo que a passos lentos, para uma descolonização da Academia, pois nesse meio ainda há pessoas que são conservadoras, com pensamentos coloniais, mas como já disse Paulo Freire (2005), a Educação sozinha não transforma o mundo, mas sem ela a sociedade não muda. Dessa forma, é corroborada a ideia de Chates (2017) que diz que a descolonização da academia é o caminho de contraposição e resistência à colonização, se mostra necessária e pertinente como forma de mudar pensamentos e práticas coloniais que duram até hoje.

Assim foi indagado qual seria a importância de se reconhecer indígena em lugares em que há o ensino colonial e por quê:

Thiago: Eu não tenho dúvidas quanto a isso, se reconhecer indígena, acho que vai para além dessas questões, como te diria? Dessas questões institucionais de fato, vai para além, no entanto, se posicionar como indígena, se identificar em organizações e instituições colonialistas, preconceituosas, cheias de circunstâncias paradigmática é extremamente importante por ser um posicionamento, sobretudo, inclusive, político,

diante de tantas questões que a gente tem vivido, nessa democracia vulnerável que a gente vivencia no país. Por isso, penso que é extremamente bom se posicionar, como tal, se fosse negro, eu sou preto de fato, sou de origem negra, tenho minha matriz africana. Veja como as pessoas têm se autodeclarado nas instituições [...] tenho acompanhado de perto a luta de algumas das nossas companheiras, que já estiveram aqui conosco, inclusive, como Soninha Guajajara, agora lá no ministério dos povos indígenas. Que, para além de indígenas, são mulheres, aí o preconceito, de alguma forma ele é dobrado, porque a mulher sempre foi e é perseguida, pelo sexismo que permeia essa sociedade um tanto quanto, acho que, maluca. Assim, quanto mais a gente buscar esses espaços de poder, nós que fomos perseguidos, violentados, preconceituados historicamente, se torna um posicionamento político, que vai quebrando esse paradigma de dentro para fora, dentro do estado brasileiro. E só a partir dali que a gente vai ter mais um pouquinho mais de oportunidade ir se fundamentando em outras instituições, sobretudo as educacionais para transformar essa realidade, na minha humilde opinião.

Diante da resposta de Thiago, o ensino decolonial é importante, através desse ensino, uma pessoa pode se reconhecer como indígena, como também integrante de religiões de raízes africanas, reconhecendo e valorizando suas origens e lutar por um ensino que todos os saberes possam ser integrados. Esse reconhecimento se torna importante, pois é através dele que se pode buscar melhorias para os seus e toda a coletividade que ganha com isso.

É com esse reconhecimento que se busca os espaços de poder, lugares esses que são bastante conservadores, com práticas coloniais que inviabilizam parte da própria população, mesmo vivendo em uma República Democrática, parcela da população não alcança sua representação na democracia.

Por isso, no ano de 2023, o Governo Lula ter criado o Ministério dos Povos Indígenas e ter como Ministra de Estado Sônia Guajajara foi uma conquista enorme para a população indígena brasileira, pois é assim que se pode começar a mudar a realidade de um povo totalmente marginalizado na sociedade brasileira, sendo esse feito, o fruto de muita luta, que começou a partir de 1500. Certamente, um ministério que muito pode contribuir com as questões voltadas a terra e territorialidades, saúde, educação e cultura dos povos originários em diálogo com os outros ministérios.¹

Ao tratar sobre o que ele poderia deixar de ensinamento para as futuras gerações que entrarão na Universidade, onde tudo é novo, seja indígena ou não, Thiago apresentou as seguintes reflexões:

¹ No dia 21 de setembro de 2023, o plenário do Supremo Tribunal Federal por 9 votos a 2, declarou a inconstitucionalidade da tese do marco temporal para a demarcação de terras indígenas. Assim, a ideia de que a demarcação de terras dependeria se no local estivesse em ocupado ou em disputa na data da promulgação da Constituição Federal de 1988. Em voto, o Ministro Luiz Fux falou sobre o vínculo que os indígenas têm com a sua terra devido a sua ancestralidade e tradição, que por mais que não estejam demarcadas, devem ser protegidas. A ministra Rosa Weber destacou sobre a tradição que os indígenas têm com suas terras e que as terras são um direito fundamental que não pode ser mitigado (STF, 2023).

Thiago: Acho que para além de qualquer coisa a gente precisa sempre sonhar, sonhar com um mundo melhor e como a gente pode contribuir para que não só a minha realidade individual, mas a realidade dos outros elas também possam se transformar, independentemente de serem indígena ou não. E sonhar, só assim que a gente consegue realizar, obviamente que é muita luta, para exatamente tudo nessa vida, são sacrifícios e muitas vezes, para quem está entrando agora nesse mundo acadêmico, que como falei, é um rigor extraordinário, esses sacrifícios lá na frente serão válidos, muitas vezes a gente acaba não vislumbrando, porque quando a gente é jovem é muito imediatista, a gente quer que tudo aconteça logo, rápido para exatamente tudo, só que planejando, buscando apesar dos percalços, dos desafios que se colocam à nossa frente eu penso que tudo é processo e que a gente precisa de fato se apegar a aquelas pessoas que possam nos ajudar, que tem empatia também para conosco, entende? Que se coloca em nosso lugar, talvez esse seja o melhor caminho. A vida ela é muito dura para todos nós, independentemente de onde estejamos. Tenho um tio que costuma dizer que a vida é muito dura, sobretudo mais dura para quem é mole, e a gente não pode amolecer diante desses desafios desses que se colocam na nossa frente, são muitos percalços. Repito, os sacrifícios são muitos, não tenho dúvidas que você tem feito os seus. [...] os desafios são muitos e que bom que eles existem, eu particularmente gosto muito de ser desafiado, sobretudo pela vida, só assim que a gente consegue de fato, passar por muitas coisas e lá na frente verdadeiramente valorizar, cada coisa, por menor que seja, são importantíssimas, lá na frente a gente vai vislumbrar isso.

A Educação, para Thiago, foi o meio de mudar a sua realidade, ele sonhou e realizou, transformando não somente a sua realidade, mas a de todos que estão ao seu redor. Destacou que houve muita luta e sacrifício para isso e que a sociedade atual é muito imediatista, mas que as recompensas pelo sacrifício não vêm agora, mas com o decorrer do tempo e que isso sempre se dá com a ajuda daqueles que vieram para agregar e assim, se somam e mudam o todo.

Esse feito é bom para que se valorize as coisas simples e também as nossas conquistas. Pois como Thiago diz, os sacrifícios são muitos, mas não se deve desistir dos sonhos, independentemente das barreiras que se colocam na nossa frente e que onde ele está foi em decorrência de muita luta.

Com isso, a importância de se promover espaços que facilite o diálogo, fazendo com que as pessoas se sensibilizem do valor do outro na sociedade, pois com essas atitudes, podem-se proporcionar espaços de tradução, que vão além da compressão de uma palavra ou modo de falar, mas de se compreender a vivência e a cultura e modo de vida do outro (Valença, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto com a entrevista com o Xukuru Thiago Torres de Lima, ex-secretário de Educação do município de Pesqueira/PE e Mestre em Educação, pôde ser observado que sua entrada na Universidade contribuiu para uma possível descolonização da Academia, seguindo com a análise interpretativa trazida por Minayo (1994).

Foi percebido que o indígena enfrentou alguns preconceitos, mesmo destacando que o estado de Pernambuco possui a quarta maior população indígena do país. Foi perceptível que dentro do meio acadêmico existia um desconhecimento quase que total sobre a existência dos indígenas por parte dos integrantes da Universidade.

O que gerou discriminação em determinadas situações, como por exemplo, quando os indígenas presentes iam dançar o ritual, proclamando suas divindades, as pessoas que ali estavam, por desconhecer, começavam a taxar aquele momento como macumba, expressando de forma estereotipada, o que mostra o total desconhecimento acerca da diferença entre o que é tradição indígena e o que é de matriz africana.

Essas palavras eram forma de depreciar a rica cultura que eles obtinham e, de certa forma, serviam para diminuir também, a cultura de matriz africana, que não tem nada semelhante com a cultura dos povos indígenas. Notou-se na fala do Thiago que esse fato ocorreu com uma certa frequência e que tornou desgastante, mas, mesmo assim, não deixou de lutar por reconhecimento e pelo respeito por parte de todos que ali estavam presentes.

Diante disso, mesmo com esse “desconhecimento” e com o preconceito que sempre existiu na própria Universidade, os dirigentes do Campus que Thiago e os outros indígenas estavam, buscou meios de inseri-los no contexto social, ético e cultural da Universidade. Assim, buscou meios de integração dos saberes, abrindo ali um espaço de diálogo entre saberes, servindo como troca de experiências pedagógicas, culturais e sociais, isso com a promoção de eventos no Campus.

A partir do momento que a Universidade proporcionou meios para incluir Thiago e outros indígenas, Thiago teve a oportunidade de mostrar toda a tradição que ele carrega desde a sua infância e colocar em prática o conceito do Bem Viver, vivendo em harmonia com toda a comunidade acadêmica e com todos que ali se faziam presentes. Como também, colocando em prática os seus rituais e toda a sua cosmovisão.

Diante disso, com essa valorização dos seus rituais sagrados no meio acadêmica e seu estilo de vida tradicional Xukuru, conceitos como o Bem Viver e a ecologia de saberes deixam claro como ambos os devem ser postos em prática, proporcionando um troca de diálogos com

os que fazem parte da Universidade e os povos indígenas, para que assim, possam fortalecer a luta por valorização e reconhecimento dos povos tradicionais. A partir do momento que a Universidade do Agreste abre as portas para que os Xukuru e outros povos tradicionais incluam na Academia as suas culturas e tradições, é posto em evidência a prática do Bem Viver. Assim, pode entoar também o Toré e seu sincretismo característico, já citado.

Além disso, destacamos o ponto que foi trazido por Thiago, que foi a criação de uma Especialização sobre Licenciatura Intercultural, que promoveu o conhecimento sobre as diversas culturas que permeavam dentro da Universidade Federal do campus Caruaru. E Thiago conseguiu trocar diversas experiências com professores indígenas e não indígenas, conseguindo espaço para mostrar a sua cultura, toda a sua bagagem cultural e levando para a sua comunidade experiências que conseguiu adquirir dentro da Universidade.

Quando se fala em haver espaço para todas as culturas que fazem parte da nossa sociedade e esse fato acontece dentro do meio acadêmico, como citado acima, Valença (2010) destaca que as Universidades podem ser consideradas um espaço de tradução e que assim se produz as condições nas quais o subalterno pode falar. Daí a importância de se criar situações nas quais o espaço de subalternidade, onde há exclusão de saberes, sejam modificados para espaços onde a voz do subalterno seja escutada e respeitada. E foi exatamente o que aconteceu na vida de Thiago, mesmo com o preconceito vivenciado e reafirmando o processo de invisibilização e hierarquização produzido pela sociedade hegemônica colonizadora, ele conseguiu espaço para que sua voz fosse respeitada.

Por conseguinte, Thiago Torres foi convidado para ser Secretário de Educação de Pesqueira e nesse período, ele buscou meios para mostrar a importância da cultura dos povos indígenas dentro das escolas do município, já que a cidade sempre tentou invisibilizar o povo Xukuru, mesmo este sendo parte fundamental da história da região. Assim, buscou reformular os PPP's das escolas para inserir não somente questões indígenas, mas de todas as formas de saberes que foram subalternizadas ao longo da história do Brasil.

Pôde ser observado que a história de vida de Thiago Torres foi fundamental para o processo de descolonização da academia, sendo este, um processo lento, mas que acaba sendo, uma pequena semente dentro da perspectiva de descolonização, que aos poucos tem dado resultado. É necessário que as instituições de ensino possam ter a sensibilidade e a consciência de que é importante descolonizar, não só com os povos indígenas, mas com as diversas culturas que fazem parte da nossa sociedade, e que não devem de forma alguma ficar ocultas.

Dessa forma, é de grande valia produzir um saber intercultural que tanto o saber científico, como o saber tradicional possam coexistir juntos, sem nenhum tipo de inferiorização ou subalternização entre eles, proporcionando o respeito, debate e a horizontalidade, diante da premissa que cada saber tem sua particularidade e deve ser respeitado.

Com isso, concluímos que essa pesquisa reafirma a necessidade de haver espaços na Academia para que os povos que ao longo da história que foram marginalizados, possam fortalecer a sua luta e que sejam entendidos como uma fonte de conhecimento, em decorrência de seus saberes tradicionais. Sendo assim, a história de Thiago foi importante para o processo de descolonização da Academia e através da vida dele conseguiu colocar em prática o conceito da ecologia de saberes, o conceito do Bem Viver e todo o conhecimento que os povos indígenas carregam.

A história de vida de Thiago Torres contribuiu para uma possível descolonização da Academia, e dessa forma, através da sua história, conseguimos ter mais exemplos de que quando valorizamos culturas e conseguimos abrir espaço para que expressem sua sabedoria, toda sociedade sai ganhando. Com isso, esses conhecimentos são essenciais para o processo de descolonização da Academia, e o meio acadêmico poderá ser fonte de um conhecimento mais plural e mais próxima da realidade complexa na qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016

ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 40, p. 231-251, abr. 2017. Semestral. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/48566/32108>. Acesso em: 25 out. 2022.

ARNT, Rosamaria de Medeiros; SCHERRE, Paula Pereira (org.). **Dicionário**: rumo à civilização da religião e ao bem viver. Fortaleza: Uece, 2021. Disponível em: <http://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2021/12/Dicion%C3%A1rio-rumo-%C3%A0-civiliza%C3%A7%C3%A3o-da-religa%C3%A7%C3%A3o-e-ao-bem-viver-Vers%C3%A3oFinal.pdf#page=71>. Acesso em: 24 mar. 2022.

BARBOSA, Valquiria Farias Bezerra; CABRAL, Luana Beserra; ALEXANDRE, Ana Carla Silva. Medicalização e Saúde Indígena: uma análise do consumo de psicotrópicos pelos índios Xukuru de Cimbres. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2019, v. 24, n. 8 pp. 2993-3000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6x9CSjh3mgTq5KqLyBhfrG/?lang=pt#ModalArticles>. Acesso em 15 nov. 2022

BARBOSA, Jacira da Silva; SAMPAIO, Sonia Rocha. Mulheres na universidade: Ações afirmativas e justiça cognitiva. **Educação, Sociedade & Culturas**, [S. l.], n. 56, p. 175–193, 2020. Disponível em: <https://www.up.pt/revistas/index.php/esc-ciie/article/view/32>. Acesso em: 25 set 2022

BESERRA, Elijalma Augusto; SOUZA, Maria Helena Maia; BESERRA, Maria Augusta Maia e Souza. PRÁTICAS AMBIENTAIS DO POVO XUKURU DE CIMBRES APLICADAS NA ELABORAÇÃO DE PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DO ALTO IPANEMA. **Ambiente & Sociedade**: concepções, fundamentos, diálogos e práticas para conservação da natureza, [S.L.], p. 66-85, 2021. Editora Científica Digital.

CHATES, Taíse de Jesus. Descolonização da escola e questão indígena: porque e para quem? **RELACult**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 3.2017. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/623>. Acesso em: 16 abr. 2022.

CARNEIRO, Fernando Ferreira. Ferreira.; KREFTA, Noemi Margarida; FOLGADO, Cleber. Adriano Rodrigues. A Práxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2, p. Pág. 331-338, 30 jun. 2014. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1530>. Acesso em 01 nov. 2022.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A INVENÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO**: sentidos e trajetórias em Educação ambiental. 2001. 354 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3336/000291796.pdf;jsessionid=119709B215EE7783A7489384E74C6E94?sequence=1>. Acesso em: 20 set. 2022.

CARNEVALLI, José Antônio; MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick. **DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO, AMOSTRA E QUESTIONÁRIO PARA REALIZAÇÃO DE UM ESTUDO TIPO SURVEY SOBRE A APLICAÇÃO DO QFD NO BRASIL.**

2001. Disponível em: https://abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2001_TR21_0672.pdf. Acesso em: 24 jul. 2022.

CASTRO, M. R.; FIGUEIREDO, F. F. SABERES TRADICIONAIS, BIODIVERSIDADE, PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES: O Uso de Plantas Medicinais no SUS. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, [S. l.], v. 15, n. 31, p. 56–70, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/46605>. Acesso em: 26 mar. 2022

CAVALLO, Gonzalo Aguilar. Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 373-390, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/n4YBVGZKLB4TBF86zDGnSjj/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 13 abr. 2022.

COSTA, Suzane Lima; XUCURU-KARIRI, Rafael (org.). **Carta para o Bem Viver**. Salvador: Boto-Cor-de-Rosa Livros, Arte e Café, 2020.

DORZANIO, Andreza Da Silva. **Os Saberes Mura**: perspectivas interculturais de educação escolar indígena. 2019. Universidade Federal do Amazonas. Dissertação (Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. p. 81. Disponível em:

https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7197/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_AndrezaDorzanio.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOOGLE. 2023. *Pesqueira*. [s.l.]: Google Maps.

<https://www.google.com/maps/place/Pesqueira+-+PE/@-8.3955187,-36.6611993,10z/data=!4m5!3m4!1s0x7a82fa94b173cd7:0x7fe31c51d3e45c42!8m2!3d-8.3584116!4d-36.6981284>

GOOGLE. 2023. Xukuru. [s.l.]: Google Maps. <https://www.google.com/maps/place/Xukuru+-+Serrinha,+Pesqueira+-+PE/@-8.3329987,-36.8242169,12z/data=!4m5!3m4!1s0x7a830b34fc0d957:0xa24ef30473eb3686!8m2!3d-8.3214254!4d-36.7661956>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEERDT, Mauri Luiz; LEONEL, Vilson. **Metodologia Científica e da Pesquisa**. 5. ed. Palhoça: Unisulvirtual, 2007. Disponível em:

http://www.fatecead.com.br/mpc/aula01_ebook_unisulvirtual.pdf. Acesso em: 04 jun. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Aline; LUIZ, Jorge. Presença indígena na Educação profissional. **Revista Acontece IFPE**, Recife, ano 01, v. 1, ed. 1, 24 ago. 2018. Disponível em: https://issuu.com/ascomifpe/docs/revista-acontece-ifpe_01. Acesso em: 22 abr. 2022

MACCALI, Nicole *et al.* O MÉTODO HISTÓRIA DE VIDA: desvendando a subjetividade do indivíduo no estudo das organizações. **Administração: Ensino e Pesquisa**, R, v. 15, p. 439-468, 2014. Trimestral. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/11/9>. Acesso em: 13 jul. 2022.

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; SOARES, Ivanete Bernardino. Por um ensino decolonial de literatura. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 981-1005, 2021 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/wcdxsD3sqYmYVRSQncPV4ty/?lang=pt#>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELIÀ, Bartomeu. A Terra sem Mal dos Guarani: economia e profecia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 33, p. 33-46, 1990. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:melia-1990-terra>. Acesso em: 13 abr. 2022.

NASCIMENTO, Renata Cruz do. **SABERES TRADICIONAIS INDÍGENA SOBRE CUIDADOS EM SAÚDE**. 2018. 67 p. Monografia (Bacharel em Enfermagem.) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38157/1/2018_tcc_rcdnascimento.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

NEVES, Rita de Cássia M. FIALHO, Vânia. **Xukuru**. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru#:~:text=Os%20Xukuru%20habitam%20um%20conjunto,de%20expropria%C3%A7%C3%A3o%20de%20suas%20terras>. Acesso em: 10 maio 2022.

OLIVEIRA, Keila Ferreira de; MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Ecologia dos saberes: o etnoconhecimento sobre o uso das plantas medicinais do povo Paiter Suruí Sandra. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará**, Marabá, ano 2021, v. 3, p. 15-28, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/ReDiPE/article/view/1706/683>. Acesso em: 24 jan. 2022.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **NECROPOLÍTICA & EPISTEMICÍDIO: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo**. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Metafísica, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA – PNP 2023 (Ano Base 2022). Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>. Acesso em: 08 ago. 2023.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2022.

QUEIRÓS, Paulo Joaquim Pina. Enfermagem: uma ecologia de saberes. **Revista de Enfermería y Humanidades**, Alicante, v. 45, p. 137-146. 2016.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce *et al.* Bem viver para a próxima geração: entre subjetividade e bem comum a partir da perspectiva da ecossocioeconomia. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 40-50, mar. 2017.

SANTOS, Luciana Marinho. Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na comunidade quilombola da Rocinha. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, p. 243-256, 2014.

SANTANA, Paula. Práxis Antirracista, Descolonização das Mentes e a Questão Indígena em uma Instituição Federal de Ensino Superior do Sertão Pernambucano. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, v. 28, n. 21, ed. 2, p. 112-140, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/236288/28921>. Acesso em: 7 abr. 2022

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologia do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. Sa, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003. Mensal. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/rvCVnHXs6RSXnK7vBgDGL5t/?lang=pt#>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SILVA, Valdir Pierote; BARROS, Denise Dias. **Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional**. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14087>. Acesso em: 28 mar. 2022.

STF DERRUBA TESE DO MARCO TEMPORAL PARA A DEMARCAÇÃO DE TERRA INDÍGENAS. Portal STF, 2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=514552&ori=1>. Acesso em: 12 nov. 2023.

TERRAS indígenas no Brasil. 2021. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3909>. Acesso em: 15 out. 2022.

TORRES, Juliana Rezende; CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Formação docente crítica em torno das questões de raça, etnia, gênero e sexualidade à luz da concepção de Educação libertadora de Paulo Freire. **Educar em Revista**, [S.l.], maio 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75679>. Acesso em: 11 abr. 2022.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro; NASCIMENTO, Adir Casaro. (Des)colonização, interculturalidade crítica e escola indígena na contemporaneidade. **Revista Educação Unisinos**, Porto Alegre, v. 24, p. 1-18, 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2020.241.15>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VALENÇA, Marcos Moraes. **ECOLOGIA DE SABERES E JUSTIÇA COGNITIVA: o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) e a universidade pública brasileira: um caso de tradução?**. 2014. 311 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Colonialismos e Cidadania Global, Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

VELASCO, Juan Miguel González (org.). **TRANSDISCIPLINARIEDAD EN LA EDUCACIÓN: docencia, escuela y aula**. Barranquilla: Prisa Ltda., 2020.